

RAYMUNDO CORRÊA

BAM
869.91
~~655~~
C.824 P

OPMA

869.91
C824P

POESIAS

(EDIÇÃO PORTUGUEZA)

PROLOGO DE D. JOÃO DA CAMARA.

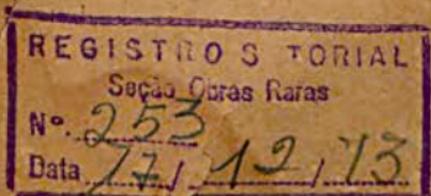
*Para a Biblioteca
Pública Benedito
Leite, de São Luís,
em homenagem
de
Guimarães Martins
Lis, 6-3-1972.*

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA-EDITOR:

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

1898



Augusto

Um dia, um jornal de Lisboa publicou o soneto

Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra...

E eram tão lindos os versos e tanto diziam aos corações, que aldeia, em que se fale a formosa lingua, conhece o primor, transcripto, mil vezes reeditado, por muitos arrecadado como joia.

A Raymundo Corrêa chamavam o Poeta das Pombas.

Em meados do verão do anno passado, nomeado secretario da legação do Brasil, desembarcava o poeta em Lisboa, e, pela vez primeira, aspirava o ar da velha Europa suggestiva, da patria dos avós longinquos.

A's poesias dos vinte annos outras haviam

succedido, egualmente sinceras, mas já não escriptas com a mesma penna arrancada ás azas brancas dos condóres, molhada nas tintas d'ouro das alvoradas tropicaes. Voára a mocidade, chegára a hora do crepusculo melancolico.

Trez livros trazia o poeta comsigo: — *Alleluias, Versos e Versões, Symphonias.*

Dos trez se faz agora este, que antes da breve partida para a patria longe, elle quer deixar aos irmãos d'áquem mar, cuja lingua musical deliciosamente escreve, senhor dos seus segredos, das mysticas harmonias, das melodias prolongadas e suavissimas.

E' um livro de retalhos e é um livro completo; é o romance do poeta, é a historia d'um coração. Este lhe deu a unidade e, com este, um sempre identico, levantado sentimento artistico. Livro de mocidade e livro de saudades. O sorriso d'hontem e as lagrimas d'hoje cantam um mesmo amor.

No ponto de tangencia de dois sentimentos diversos o sonhador hesita e escreve o *Renascimento*. Surja-se á vida! Abra-se o espirito á frescura da nova luz! Bata-lhe o sol alegremente! Vamos a erguer a pedra pe-

sada e fria, e, das trevas do sepulchro voemos para a floresta, para o mar, pelo azul afóra, desfolhando as derradeiras petalas d'uma illusão!

Mas os bons tempos de vez passaram, e elles não voltam, como voltam as pombas aos pombaes.

Como luz que bruxoleia em brumas, mal lembram as *primeiras vigílias*, as mysteriosas e ainda mal definidas melodias, que o amor feriu, hesitante, nas cordas da alma.

Já os ouvidos são mudos ao *poema da noite*,

*que o firmamento
Desdobra todo em letras de ouro escripto.*

Ha que tempos disse o bom prior aquella *missa da resurreição*, a que os dois amantes faltavam, distrahidos com o céu de abril, as flores do campo, os passaros que voavam, o sol que nascia, o céu todo cheio de alleluias, a terra de canticos e perfumes!

Ainda o bem está presente, e um primeiro cabello branco, uma melancolia de outomno trazem-nos um travo amargo de saudade que se adivinha.

*E em vez dos fructos de ouro que ha nos ramos
Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores que eram berços d'esses fructos.*

As illusões sumiram-se como um bando de pombas brancas na luz do poente ainda offuscando os olhos.

O sino badala no ar frio. Ave-marias. O adeus á mocidade é triste como o soar das trindades.

A noite desce sobre os campos extensos e assim desce sobre as almas, quando os olhos se fecham cançados de muito vêr, ás vezes de muito chorar.

E elle canta as *peregrinas*.

*Iam atraç de uma illusão, de um ninho,
De uma nuvem, de um echo... e, já prostradas,
Vejo-as todas em meio do caminho.*

*Chora-as o sol das mesmas alyoradas,
E eil-as dormindo, ao capitoso vinho
D'essas lagrimas de ouro embriagadas.*

A dôr é uma herança triste do poeta.

Quando elle nasce, a propria mãe ergue contra Deus os punhos cerrados e impreca-o; se mostra uma alegria, cantando como o passaro na floresta, chora o seu anjo da

guarda; cospem-lhe os amigos; sujam-lhe com cinza o pão com que ha de matar a fome, o vinho com que vae desedentar-se.

Mas, por consoladora ironia, chama-se *Bençam* o primeiro poema das *Flores do Mal*.

O poeta ergue, sereno, para o céu os olhos maravilhados, os braços piedosos, o espirito lucido.

*Soyez béni, mon Dieu, qui donnez la souffrance
Comme un divin remède à nos impuretés,
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saintes voluptés!*

Os poetas teem azas-brancas nas almas, de enorme envergadura.

*Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides,
Va te purifier dans l'air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces liquides.*

Nas *Harmonias de uma noite de verão* conta-nos Raymundo Corrêa todo um dialogo passado na propria alma, drama em que fallam saudades, esperanças, temores, conso-

lações. A poesia torna-se um refugio, até quando horrorosamente nos doe

A alma-esponja de lagrimas e fel.

Em meio das traições, das tramas urdidas, dos punhaes acerados, hypocrisias, odios, vicios, o poeta diz ao homem:

*Ascendo, arroubo-me ás immensidades,
Onde estruge a alleluia das esphas.*

E quantas poesias d'este livro foram escriptas só pelo gosto de nadar no azul, d'olhos fechados para as miserias cá de baixo, encandeados pela luz purissima, em jorros na alta nascente!

Procura-se o olvido; mas, quanta vez, a alma propria grita no drama fantasiado, grito sinistro como o do pelicano de que fala Alfred de Musset.

A mulher e a paizagem occupam uma importante e formosissima parte do novo livro de Raymundo Corrêa. Assim devia ser. Apaixonado cultor da Formosura, esta havia de seduzil-o pelo que possui de mais poderoso em suggestões e mysterios.

Não canta uma mulher; canta a mulher com todos os seus encantos, desde a greguina de formas divinas eternizadas no mármore de Paros, até a musa aldeã forte e sábia, a hespanhola em boleros lascivos sorrindo com seus lábios corados, a *coquette*, que de pedra em pedra saltita, na encantadora aguarela da *Chuva e Sol*.

Nas paisagens tão cheias de cor que os olhos maravilham, de cantos que as almas elevam, de perfumes que as embriagam, advinha-se quanta luz tem o céu do Brasil, quanta vida se roja no solo uberrimo, respira n'aquelles bosques, passa nas ondas quentes do vento rumorejante.

E entretanto uma doce essencia de melancolia evola-se do livro na aragem de cada pagina que se volta, como um antigo aroma, que mal se define, mas traz uma recordação de sonho crepuscular, notas confusas d'uma velha canção olvidada.

E' que o poeta aprendeu a linguagem purissima, em que escreve, nos velhos livros da velha patria dos avós, e porque d'estes herdou a alma portugueza, cujos cantos tão docemente em nossas almas se insinuam.

Emquanto as criancinhas no Brasil balbuciarem as primeiras palavras, tal qual os nossos filhos... Pae!... Mãe!... as glórias dos nossos irmãos serão as nossas, saber-nos-hemos entender atravez dos mares, falando aos corações a mesma lingua musical.

Raymundo Corrêa é dos primeiros poetas brasileiros, é portanto uma gloria portugueza. Juntar o meu nome ao seu n'um mesmo livro é como chamar-lhe irmão, irmão que me envaidece.

JOÃO DA CAMARA.



Viver ! Eu sei, que a alma chora
E a vida é só dor ingrata,
Pranto, que a não allivia,
Olhos, que o estão a verter...
Soffra o coração, embora !
Soffra ! Mas viva ! Mas bata
Cheio, ao menos, da alegria
De viver, de viver !

I

* * *

Ser moça e bella ser, porque é que lhe não basta ?
Porque tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destróe ? Porque atraz de uma vaga esperança
Fatua, aerea e fugaz, frenetica se lança
A voar, a voar ? ...

Tambem a borboleta,
Mal rompe a nympha, o estojo abrindo, avida e inquieta,
As antennas agita, ensaia o vôo, adeja ;
O finissimo pó das azas espaneja ;
Pouco habituada á luz, a luz logo a embriaga ;
Boia do sol na morna e rutilante vaga ;
Em grandes dóses bebe o azul ; tonta, espairose
No ether ; vôa em redor ; váe e vem ; sobe e desce ;
Torna a subir e torna a descer ; e ora gyra
Contra as correntes do ar ; ora, incauta, se atira
Contra o tojo e os sarçães ; nas púas lancinantes
Em pedaços faz logo as azas scintillantes ;

Da tenue escama de ouro os resquícios mesquinhos
Presos lhe vão ficando á ponta dos espinhos ;
Uma porção de si deixa por onde passa,
E, enquanto ha vida ainda, esvoaça, esvoaça,
Como um leve papel solto á mercê do vento ;
Pousa aqui, vôa além, até vir o momento
Em que de todo, enfim, se rasga e dilacera . . .

O' borboleta, pára ! O' mocidade, espera !

Váe-se a primeira pomba despertada...
Váe-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoadá...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes ;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

O VINHO DE HEBE

Quando, do Olympo nos festins, surgia
Hebe risonha, os deuses magestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ella, passando, os copos lhes enchia...

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e prodiga de gosos,
Passa por nós, e nós também, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vazia...

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ella, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atraz o seu caminho.

Nós chamamol-a em vão ; em nossos labios,
Restam apenas tímidos resabios,
Como recordações d'aquelle vinho.

(V. HUGO)

O dia acorda! Deus por uma fresta
Das nuvens a espreitar, ri-se. A floresta,
O campo, o insecto, o ninho sussurrante,
A aldeia, o sol que tinge a serraia...
Tudo isso acorda, quando acorda o dia
No fresco banho de ouro do Levante.

Deus sonha! Vasa os olhos d'agua; pica
As arterias da terra; o liz fabrica;
E da materia sonda o fundo ovario;
Pinta as rosas de branco e de vermelho,
E faz das azas vis do escaravelho
A surpresa do mundo planetario.

Homens! As ferreas naus de velas largas,
Monstros revéis, formidolosas cargas
Do bruto oceano arfando ás insolencias;
Extenuando os ventos, e nos flancos
Longo enxame a arrastar de frócos brancos
De escuma, e raios e phosphorescencias...

Os estandartes de arrogantes pregas ;
As batalhas, os choques, as refregas ;
Nauseas de fogo de canhões sangrentos ;
Feroz carnificina de ferozes
Batalhões — bando negro de albatrozes
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos...

Comburentes, flammivomas bombardas,
Ignea selva de canos de espingardas,
Estampidos, estrepitos, clangores ;
E, bebado de polvora e fumaça,
Napoleão, que galopando passa
Ao ruflar de frenéticos tambores ;

A guerra, o saque, as convulsões, o espanto ;
Sebastopol em chammas; de Lepanto
O vau de lanças e clarins repleto...
Homens! Tudo isso, enquanto recolhido
Deus sonha, passa e sôa ao seu ouvido,
Como o rumor das azas de um insecto!

A CHEGADA

de Ezequiel Freire

Vimos de longe; o guia váe na frente;
E' longa a estrada... Aos ríspidos estalos
Do impaciente latego, os cavallos
Correm veloz, larga e fogosamente...

Já extranho rubor inflamma o Oriente;
Rompe a manhã; cantam ao longe os gallos...
Que ledó campo entre risonhos vallos
Se vê! que fresco matinal se sente!

Eis de uma ponte rustica a passagem;
Em baixo as aguas refervendo bramam...
Está proximo o termo da viagem —

Eis a cidade emfim; os sinos clamam,
E as casas brancas — que feliz payzagem! —
Pelo pendor da serra se derramam...

RENASCIMENTO

Venha, após tanta lagrima bebida
E tanto fel provado, a doce e branda
Alegria, em que a murcha flôr se expanda
Do sorriso, e eu de novo surja á vida!

De novo em festas, gárrula e flórida,
A alma se rasgue inteira — ampla varanda
Escancarada de uma e de outra banda
Ao fresco e á luz, de alegre sol batida...

Parta a loisa ao sepulchro, que a devora,
E, livre assim d'essa mortal tristeza,
Desfeita em hymnos, vá pela floresta...

Vá pelo mar... vá pelo azul a fóra...
Derramando por toda a natureza
O pouco de illusões que inda me resta.

EVITERNO AMOR

Essa historia do amor, que a uma só vida
Bilhões extráe, prolifico e fogoso,
Essa — ó genero humano desditoso! —
Enche o tempo, enche o espaço, indefinida...

Adão, o arrependido, e a arrependida
Eva, eil-os avexados, ante o iroso,
Biblico deus, severo e rigoroso,
De quem toda essa historia é já sabida.

E elle, que em beijos e ais no Eden surprende
O agil mancebo e a adolescente linda,
Sobre ambos vingadora a dextra estende.

Arrependem-se? Embora! O amor não finda,
Pois o par amoroso se arrepende
De ter amado, mas... amando ainda!

PRIMEIRAS VIGILIAS

Dos revoltos lençóes sobre o deserto
Despejava-se, em ondas silenciosas,
O luar d'essas noites vaporosas,
De seu languido calyx todo aberto.

Rangia a cama, e deslisavam perto
Alvas, femineas formas ondulosas ;
E eu a idear, nas ancias amorosas,
Uns hombros nús, um collo descoberto...

E a gemer : — «Abeirai-vos de meu leito,
O' sensuaes visões da adolescencia,
E inflammae vos na pyra em que me inflammo !»

Fervem paixões despertas no meu peito ;
Descáe a flôr virginea da innocencia,
E irrompe o fructo dolorido... Eu amo !»

O JURAMENTO

Cavalleiro, o juramento
São phrases rôtas ao vento...
Ai de quem dêr cumprimento
A tudo o que assim jurar !
— Mas como ha de ao juramento
Um cavalleiro faltar ?!

Jura então, que do ciume
Jámais virá o azedume
O amor, que mal se resume
Em beijos, afelear.
— Ai de mim, que o meu ciume
Eu não no posso domar !

Jura mais, que has de ao primeiro
Que suspeite de ligeiro
Meu coração, cavalleiro,
A tua luva atirar.

— Ai de mim ! Fui o primeiro
Que d'isso ousou suspeitar !

Jura emfim, que has de, essa espada
Vibrando, a mulher amada
Por tal suspeita affrontada,
Com sangue desaffrontar.

— Ai de mim, que hei de esta espada
Contra mim mesmo voltar !

PASSEIO MATINAL

Desperta e vem ! O vento borborinha
Pelos coqueiros tremulos ; dardeja
O sol ; e a luz sadia a alma deseja
Bebel-a aos góles... Ergue-te e caminha...

Minh'alma os teus anhelos acarinha,
E unida á tua, juncto d'ella adeja...
Mas tão unida, que eu não sei qual seja,
Qual seja a tua, nem qual seja a minha...

Rasga o cofre dos risos, como a aurora ;
E ambos vamos, assim, rindo e cantando,
Cantando e rindo, pelo bosque afóra...

E ahi, das aves o medroso bando
Nos ninhos a espantar, vamos agora,
Como aves de outro genero, enxotando...



VERSOS A UM ARTISTA

(A Olavo Bilac)

Tu artista, com zelo,
Esmerilha e investiga !
Nyssia, o melhor modelo
Vivo, offerece, da belleza antiga.

Para esculpil-a, em vão, arduos, no meio
De esbrazeada arena,
Batem-se, quebram-se em fatal torneio,
Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.

A Aphrodite pagan, que o pejo affronta,
Exposta núa do universo ás vistas,
Dos seios duros na marmórea ponta
Amamentando gerações de artistas,

Não na excede ; e, ao contrario, em sua rica
Nudez, por mil espelhos,
Mostra o que ella não mostra, de pudica,
Do collo abaixo e acima dos artelhos.

Analysa-a, sagaz, linha por linha,
E á tão sagaz minucia apenas poupa
Tudo o que se não vê, mas se adivinha
Por sob a avara roupa...

Deixa que a roupa avara
Do peito o virginal thesoiro esconda,
E o mais, até... onde, perfeita e clara,
A barriga da perna se arredonda...

Basta-te á vista esperta
Revelar-se, atravez do linho grosso,
O alabastro da espadao mal coberta,
E o Paros do pescoço.

Basta que tráia, como trée, de leve,
O contorno flexuoso. . .
Basta esse rosto ideal — purpura e neve —
E a linha grega do nariz gracioso. . .

Um quasi nada basta, emfim, que tráia
Ao teu olhar agudo,
Para que este deduza, tire e extráia
D'aquelle quasi nada, quasi tudo...

Embora o olhar profano
Não possa ver o que ella só não nega
Ao lado avesso do grosseiro panno,
A cuja guarda os mimos nós entrega ;

Nem leve brecha ao menos
Abra nessa, onde fulge, aspera crôstra,
Como a perola — lagryma de Venus —
Rútila dentro de uma casca de ostra...

Desnuda-a, imaginariamente ; e a poma,
O ventre, o talhe esculptural da cinta,
E o amplo quadril pondo-lhe á mostra, toma
O teu pincel para pintar-a, e pinta !

.....

Seus melindrosos traços aproveita ;
E, ao fundo de um painel classico, aviva
As graças feminis d'ella — perfeita
Copia da formosura primitiva.

Pinta-a. Esse ignobil, rustico tamanco
Tira-lhe ao branco pé ; e, por seu turno,
Calça-lhe o pé tão branco
(Mais digno de um cothurno) de um cothurno.

Mas não faças a idéa
De que o semblante vês, feroz e lindo,
Da tragica Medéa
No theatro de Euripides surgindo.

Não dêes ao quadro qualquer tom mais negro ;
Faze antes nelle, em vividos fulgores,
Correr gárrula a nota de um «alegro»
De matizes, de tintas e de côres.

Pinta-a no Olympo, dominando-o todo
Com esses olhos claros,
Bellos e verdes... Verdes d'esse modo,
São mais preciosos, porque são mais raros.

Não sobre negros, horridos escolhos,
Mas de um oiteiro celebre na falda,
A' esmeralda do Egêo volvendo os olhos,
— Dois humidos abysmos de esmeralda —

E onde do Hymeto a tribu sequiosa
E loura das abelhas
Beije-lhe o doce beijo côr de rosa
E a doce côr de rosa das orelhas ..

Ou da harpa antiga os mysticos segredos,
De Sapho as odes, de Thimoteo os hymnos,
Frenetica, arrancando com seus dedos
Longos e alexandrinos...

Rasga-lhe em larga tela o largo mundo
Da Grecia ; e amplos, remotos horizontes,
Onde se esfumem, pallidas, ao fundo,
As cordilheiras dos mais altos montes...

Onde, perpetua, a Primavera esvoace,
Abra em capellas mádidas, cheirosas,
E, em mil grinaldas tremulas, deslace
De Anacreonte as rosas...

E em torno d'ella tudo se reuna :
Da Arabia o incenso e a myrrha da Ethiopia ;
E, dadivosa e prodiga, a Fortuna
Despeje a rica e farta cornucopia !

.....

Ou deixa então da deusa de Cythera
Tudo o que em Nyssia vés... Para pintal-a,
Busca antes o ar de castidade austera,
Que ás semi-deusas da Odysséa a eguala.

—

Pinta-a onde, ao pino, o sol da Lybia ardente
Estanque o Nilo, que fecundo corre ;
E, buindo o deserto incandescente,
Fisque, abraze, tórre,

Queime ; espedace os raios flammejantes,
— Como um milhão de espadas
Contra claros broqueis — contra os brilhantes
Zimborios das mesquitas elevadas :

Côza, encoscóre a adusta areia rubra ;
Calcine-a ; lamba em fogo os obeliscos ;
De Memphys as pyramides encubra
De fuzis e de fulvidos coriscos ;

Relampadeje emfim . . . Mas sem que tisne
A rija carnação d'ella, mais grata,
Mais doce aos olhos, que o candor do cysne,
Que no crystal do Eurotas se retrata ;

Nem lhe deslustre, nem marêe a alvura ;
E nem lhe decomponha a peregrina
Combinação, e a singular mixtura
De anil, leite e nacár da pelle fina.

Pinta-a emfim — não em vasto peristylo
De capiteis corinthios, mas naquella
Sobria feição do estylo dorio, estylo,
Que, por mais simples, é mais proprio d'ella —

Ao hombro a chlamyde espartana, ao peito
A egide adamantina, erea, inteiriça,
No braço esquerdo o escudo, e no direito
A espada da Justiça.

Num Parthenon seu vulto assim conserva,
Sem os crespos florões de acantho e louro ;
E eil-a ao molde da estatua de Minerva,
Feita por Phydias, de marfim e de ouro.

Então não queiras tu pôr em confronto
O original e a imitação já finda,
Para ver se, d'aquelle, nesta um ponto,
Um toque, ou pincelada falta ainda ;

Nem, na febre da esthetica, profunde
Mais teu olhar, buscando-lhe a nudeza
Perlustrar do seu corpo : mappa-mundi
Da suprema Belleza.

Poupa ás faces da deusa a onda purpurea :
Pinta-a, ideando-a só : o audaz recacho,
O torso e o resto... Sem, tremenda injuria !
A tunica rasgar-lhe de alto a baixo...

CYTHERA

A Raul Pompeia

Quebra o Oceano de encontro ao duro peito
Do alcantil, que a defesa entrada vela,
E vem lamber-lhe, em perolas desfeito,
As cardeas conchas da alvacenta ourela.

Neptunios deuses, ante a flôr mais bella
De Yonia, em seu profundo e salso leito,
Estremecem de amor. Bate aos pés d'ella
O coração das aguas satisfeito...

Franjam-lhe o manto as algas e os sargaços ;
Embalam-na rebombos e assobios ;
E, envolta em doce, luminosa bruma,

Sente que a cingem com lascivos braços
Tritões e a osculam grossos beiços frios,
Boccas cheias de beijos e de espuma...

ODE PARNASIANA

— —

(A Lucindo Filho)

De chypreo mosto cheia
A taça ergui. Cogitabunda Musa,
Fuge os pezares. Eia !
D'esta alma a flamma viva affla, e enaltece-a !
Insuffla-me o estro ; e, á minha vista illusa,
As pristinas grandezas patenteia
Da celebrada Grecia !

Musa, a Grecia, como antes
Do ultimo helleno, dá que eu sonhe agora !
Patria do genio ousado ; de gigantes
Berço de ouro e de luz ; Grecia immortal !
Ria-nos, Musa, o mundo hodierno, embora ;
Em rapto audaz, nas rémiges possantes,
Transporta o meu ideal !

Mas, não ; vòã serena !
Longe da turba egoista, que os meus gosos
Afelea e envenena,
Leva-me a um doce e placido recesso ;
Como a Banville e a Mendes, gloriosos,
Levaste, além do inquieto e ovante Sena,
A's margens do Permesseo !

Vòã, serena ! A pista
Do casquilho de Samos seguir deves.
De saphira, esmeralda, ambre, amethysta
E murice orna o olympico painel.
A harpa acrysolã só no amor ; e, em leves
Tintas, menos incommodas á vista,
Mergulha o teu pincel !

Do gesto ameno e brando,
Faze que, sem amarujentos travos,
Borbote e, gurgulhando,
Mane a poesia — fonte clara e pura ;
Quaes, na bocca de Pindaro, os seus favos
Mellisonas abelhas fabricando,
A encheram de doçura.

C'ròã a jucunda fronte
De myrto e rosas ; que eu assim te quero,
E te amo eu mais, Musa de Anacreonte !
Pulsar, em márcio, horrisono arrabil,
Cordas de bronze, é para as mãos de Homero ;
A ti, legou-te Erato a lyra insonte
E a avena pastoril.

Fuge a cruenta pompa
De Bellona, em que as furias tresvariem ;
Trôe e retrôe a trompa
Bellicosa ; num som rispido e agudo,
As disparadas frechas assoviem...
O atro tambor em roucos rufos rompa...
E Marte embrace o escudo !...

Na lympha crystallina
De Acidalia, onde immerge as formas núas,
Com as irmans, a candida Euphrosina,
Tempéra a voz... Tu, Musa, que, ao sabor
De Teos, tão docilmente os tons gradúas,
Entôa antes, na cithara argentina,
A mocidade e o amor !

Sobe o Menalo, extranho
A's guerras ; onde Pan, os tentadores
Contornos, vê no banho,
Da esquiva nympha, e a rude frauta inventa ;
Cuja uberrima falda bróslam flôres ;
E onde o zagal arcadio o alvo rebanho
E os olhos apascenta.

Olha : de cada gruta
A' bocca, esvelta dryade sorri-se...
Estralam gargalhadas no ar, escuta :
Dentre ellas a de um fauno sobresáe ;
E' Sileno, e na eterna bebedice,
Deixa cahir no chão a taça enxuta,
E, temulento, cáe...

E Baccho ; eil-o assentado
Sobre um tonel ; eil-o a empunhar virente
Thyrso, todo enramado
De cachos de uvas, de parreiras e heras ;
E eil-o a voltar das Indias, novamente,
No molle coche triumphal tirado
Por lynces e pantheras...

Phebo, ao clarão do dia,
Já visível nos torna a roxa face,
E a esplendida quadriga luzidia
O Zodiaco em fogo a percorrer...
A solidão povôa-se. Desfaz-se
A nevoa, que as pupillas me cobria ;
Abro-as, começo a ver !

Penetro o sumptuoso
Templo de Paphos, onde o culto é menos
Arcano e mysterioso,
Que esse, que a Ceres tributára Eleusis ;
E onde, ao cùpido olhar do amante, Venus
Desnúa o lacteo collo delicioso,
— Branco manjar dos deuses.

Na ave, na flôr, na planta,
E em tudo, ó Musa, a alma pagan respiras !
Lembre-te um corço a alipede Atalanta ;
Faça-te a linda anémone lembrar
O filho incestuoso de Cinyras ;
E Leda — o fallaz cysne, que levanta
A nivea pluma ao ar...

A ti não são defesos
Assumptos taes, eróticos assumptos.
Canta ; e, em perlas accesos,
Musa, os dois olhos no Passado fita !
Como Castor e Pollux, sempre junctos,
São dois planetas mais, cravados, presos
Na abobada infinita . . .

Moteje embora o mundo !
Ria-nos essa turba impia e nojosa,
Sobre a qual cuspo o meu desdem profundo ;
Misera e vil, curvada aos pés de um rei !
Vil e misera, sim ; que ella não gosa
Da embriaguez divina, que ha no fundo
Da taça, que emborquei.

BEIJOS DO CEU

Sonhei-te assim, ó minha amante, um dia :
— Vi-te no céu ; e, enamoradamente,
De beijos, a phalange resplendente
Dos seraphins, teu corpo inteiro ungia...

Sanctos e anjos beijavam-te... Eu bem via !
Beijavam todos o teu labio ardente ;
E, beijando-te, o proprio Omnipotente,
O proprio Deus nos braços te cingia !

Nisto, o ciume -- fêra que eu não domo --
Despertou-me do sonho, repentino...
Vi-te a dormir tão placida a meu lado...

E beijei te tambem, beijei-te... e, ai ! como
Achei doce o teu labio purpurino,
Tantas vezes assim no céu beijado !

MISSA DA RESURREIÇÃO

Era um domingo da Ressurreição,
Emma ; e não foi por causa da preguiça
Mui desculpavel de acordar tão cedo,
Nem foi por falta de religião,
Que nós deixamos de assistir á missa.
No sabbado, na vespera, em segredo,
Tinhamos combinado firmemente
Ir para aquelle fim á egreja ; embora
Esta distante meia legua esteja
Do feliz sitio onde morava a gente.

Eu não me lembro agora
Do sancto que era o orago d'essa egreja ;
Nem me lembra tão pouco, Emma adorada,
A que Nossa Senhora
Ella era consagrada ;
Lembro-me só de que era
Em Abril, quando um sol de primavera
Fecha a estação das aguas, embebida
Em soledade e tedio ; e só me lembro
De que a combinação feita por nós
A' risca foi cumprida.

Mau grado o frio atroz,
Que me pungia, inexoravelmente,
Regelando-me todo, membro a membro,
Levantei-me e sahi ; mas, quando em frente
Cheguei da tua casa, á minha espera
Tu, Emma, estavas já, prompta e vestida.

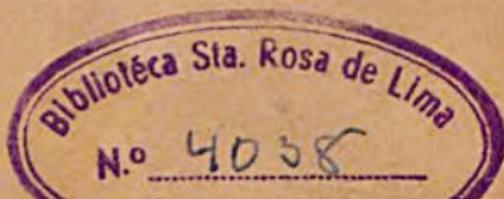
Vi-te, pallida e bella,
Scismativa a esperar ; sobre a janella
Fincado tinhas um dos cotovellos ;
E, a barba sobre a mão nevirosada,
Fitavas o horizonte . . .

Além, aos poucos, humida e cheirosa,
— De um pelago de fogo e sangue ardente—
Onde uns restos da noite, tibiamente,
Boiavam inda, em turbidos novellos —

Erguia a madrugada,
Cheia de virginal, candido alvor,
A alabastrina fronte
A que adornava só, como uma rosa,
Como uma rosa branca nos cabellos,
A estrella do Pastor !

Mal me viste, calçando, em breve instante,
As luvas e envolvendo o busto airoso
Numa capa de lã (a ventania
Uivava fóra, rispida e glacial)
Presto, a escada desceste, tiritante,
A ter commigo, que esperava, ancioso,
A' porta do quintal.

Que frio atroz ! E a capa te envolvia
Toda e (lembra-me bem) de modo tal,
Que d'esse rosto ingenuo, unicamente,



Dois olhos de azeviche, enamorados,
E a ponta de um nariz mimoso eu via ;
Assim, ó Emma, entre os frouxeis dos ninhos,
Occultos e de frio inteiriçados,
Os passaritos deixam ver sómente
A ponta côr de rosa dos biquinhos...

As estradas, por ora,
Solitarias, desertas inda estavam ;
Mas quantas distracções por ellas fóra
Depois nos aguardavam !
Hirtas, nos frouxos véus dos nevoeiros,
Com as franças em languido abandono,
As arvores tremendo pareciam
Cabecear de somno ;
Da aurora os sylphos querulos gemiam ;
Pelos bambús, em bamboleios lentos,
E na espatha e nas palmas dos coqueiros
Remexiam-se os ventos...

Após curtos momentos,
Iam-se já rarefazendo as brumas ;
Passaros já nenhuns, aves nenhuma
Dormiam em seus ninhos solitarios ;
A Fauna inteira despertava em festa ;
Sentia-se um bater de azas e plumas ;
De alleluias os céus se iam pejando ;
Cantavam pintasilgos e canarios
Entre as ramas espessas
De uma espessa floresta ;
E, abrindo o vôo, um bando

De annuns, garrulo e louco,
Passava gazeando, chilreando,
Sobre as nossas cabeças...

E a luz ia crescendo, pouco a pouco...
Era uma fresca e linda
E amena madrugada;
De cada arbusto á fronde verde e crespa
De pimpolhos, de gommos e de flôres,
Pendurava-se ainda
Em farrapos a nevoa; o sol vestia
Os montes, em redor, de arnezes de ouro;
Pela cerula abobada anilada
Sussurrava e corria
Vivo, alegre zum zum... Era o besouro,
A mosca, o maribondo, a abelha, a vespa,
As metallicas azas a vibrar;
Eram fulvos enxames zumbidores
Estremecendo, scintillando no ar...

Nós seguíamos mudos e sósinhos...
No molle chão pisado ias gravando,
Emma, os vestigios do teu passo breve;
E o jasmineiro, os braços agitando,
Sacudia a teus pés, sobre os caminhos,
Os pequeninos calyces de neve...
Pelas corollas tumidas de orvalho
Suspirava um favonio, carinhoso,
Com invisiveis mãos, pulsando, leve,
Doce alaúde, ou bandolim mavioso;
De cada mobil galho

Cahia um luminoso

Pingo d'agua, um aljofar, uma gemma...
E enlaçavam se, em róridas capellas,
Dos matagaes sobre a opulenta coma,
As rôxas flôres da Quaresma, ó Emma!
Nos sylvestres rosaes, das esponjeiras
Nas lividas grinaldas amarellas,
De inquietas borboletas bandoleiras
A tribu azul seu pabulo procura...

Quanto suave aroma!

Quantos beijos e musicas na aragem!
Que vegetal pujança e formosura
E viço! E tudo verde, verde... E tudo
Verde, sem ser monotono, que, emfim,
Para quebrar essa monotonia
Da côr, ás vezes, um morango ria
Vermelho, entre a folhagem,
Como em tunica verde de velludo
Um botão de rubim...

Nós iamos seguindo; e, em torno, immensa,
Ia desenrolando-se a paizagem...

Ora — uma varzea extensa,
Onde pavões garridos pompeavam,
E, em triumpho, ostentavam
O papo azul, a rutila plumagem,
E o vivo colorido cambiante
Da cauda cheia de olhos, que, offuscante,
Como um leque chinez ao sol abriam...
Ora — regatos, faceis serpejando
Entre seixos e flores, indolentes,

Que, como em leitos de carmim, fluíam,
Nas palhetas rubentes
Do iris, de acceso vermelhão tingidos;
Regatos, pelos quaes, de quando em quando,
Os passos, Emma, viamos tolhidos,
E que saltavas, trefega, molhando
A fimbria dos vestidos...
Ora — entre bordas de virente alfombra,
Adormecido á sombra,
Mysterioso lago, que se esconde,
— Liso espelho de prata —
De um bosque sob a cupola odorosa :
Cuja lympha tranquilla
Em seu crystal copia as folhas ; e onde
Um palmipede niveo a vaporosa
Forma duplica na agua, que o retrata,
E uma flecha de luz, tremula, oscilla...

Mais e mais se animava o quadro. Sôam
Vozes humanas já. Um homem passa,
E, tirando o chapéo, nos comprimenta ;
E outro após... E os caminhos se povôam,
A' proporção que a claridade augmenta.
A matinal neblina se adelgaça ;
E destaca-se além, no azul infindo,
De cada alegre chaminé subindo
Em tenues espiraes tenue fumaça...
Vinham de um lado e de outro camponezes,
Casaes de gente rustica trajada
Festivamente, a rir... A todo o instante,
Para a beira da estrada,

Transeuntes brutae nos arredavam :
— Eram de ovelhas hartas greys, que, ás vezes,
Por nós, atropellando-se, passavam . . .
Eram, cheios de alforjes, mais adiante,
Cargueiros animaes . . . Eram, depois,
Grandes carros de lenha carregados,
Que chiavam, tirados
Por tres juntas de bois
Robustos e grosseiros,
Rasgando, em fofa terra, fundos trilhos;
E os bois iam marchando resignados
E tardonhos, ao toque dos pampilhos,
E ás pragas dos carreiros . . .

Quanto tempo perdemos ! Todavia,
A igreja estava perto,
Que um dos gallos da torre apparecia
Já, rompendo o nevoeiro matutino . . .
Nós o passo estugámos ; mas, de certo,
Foi em vão que estugámos, Emma, o passo ;
Em vão, pois, por desgraça tua e minha,
Era tarde ! Troando pelo espaço
Amplio e sonoro, repicava o sino ;
As gyrandolas rapidas voavam ;
E, como um formigueiro, em confusão,
Da igreja ondas de povo borhotavam . . .
Meu Deus ! A missa terminado tinha !
Perdeste a missa da Resurreição !

NUVEM BRANCA

Dizei-me : é ella a noiva casta e pura,
Que no alvôr dessa nuvem rutilante,
Passa agora ? Dizei me, neste instante,
Turbilhões de translucida brancura ;

Collar, broches de perolas e opalas ;
Gaza que, em niveos floccos, por formosas,
Rijas pomas de marmore, ondulosas
Curvas e espadoas de marfim, resvalas . . .

Dizei-me, branca, virginal capella ;
Nitida espuma de nevadas rendas ;
Alvos botões de laranjeira ; prendas
Symbolicas do amor ; dizei-me : é ella ?

E' ella a noiva ? E' mesto, ou prazenteiro,
Seu doce olhar ? Sorri alegre, ou chora,
Seu semblante gentil occulto agora
Do espesso véu no alvissimo nevoeiro ?

E' ella, sim ! Su'alma, entre os fulgores
Das claras tochas candidas e ardentes,
Nas cherubicas azas transparentes,
Vôa, festiva, a um thalamo de flores...

Mysterios nupciaes, só vos devassa
Um louco amante ! Ao seu olhar ancioso
Velaes debalde o archanjo, o astro radioso,
Que, dentro d'essa nuvem branca, passa...

A UMA CANTORA

Cantavas. Sobre mim, frecha ligeira
Passou zumbindo no ar... Amor, que estava
Juncto a ti, contra um'alma, delle escrava,
Despedira-a com mão pouco certeira.

Mas vendo assim baldada essa primeira
Frecha, outra arranca da luzente aljava ;
Vibra-a ; e esta, emfim, aguda se me crava
N'alma... Arranca depois uma terceira...

E eu clamo : «Estou ferido ! Estou ferido ;
Suspende, Amor !» O Amor não nos faz brecha
Só pelos olhos, minha doce amada ;

Pelos olhos não foi ; foi pelo ouvido,
Foi pelo ouvido, que me entrou a frecha :
Sinto inda nelle a dor dessa frechada.

PLENA NÚDEZ

Eu amo os gregos typos de escultura ;
Pagans nús no marmore entalhadas.
Não essas producções, que a estufa escura
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura
Os corpos nús ; as linhas onduladas
Livres ; da carne exuberante e pura
Todas as saliencias destacadas . . .

Não quero, a Venus opulenta e bella
De luxuriantes fórmãs, entrevel-a
Da transparente tunica atravez ;

Quero vel-a, sem peios, sem receio ;
Os braços nús, o dorso nú, os seios
Nús . . . toda núa, da cabeça aos pés !

IXION

A deusa amante e desejada é ella !
Todo o amor em meu seio arfa e redunda.
Abraço-a — e verga ao braço, que a circumda ;
Beijo-a — e, corando, inda se faz mais bella.

Abraço a Juno, ou, louco, abraço aquella
Nuvem de ouro illusoria e vagabunda ? ! . . .
Minha ventura, ó céus, é tão profunda,
Tão larga e tanta, que eu duvido della !

Que lindos olhos ! Que venusto e lindo
Gesto . . . Beijo-a de véras, ou supponho
Beijal-a, só, num sonho doce e infindo ? . . .

Não ! Durmo ; e o despertar vae ser medonho !
Durmo ; e sonho, de certo, assim dormindo !
Quem me assegura, que eu não sonho ? Eu sonho !

CONCHITA

Adeus aos philtros da mulher bonita ;
A esse rosto hespanhol, pulchro e moreno ;
Ao pé, que no *bolero*... ao pé pequeno,
Pé que, aligero e célere, saltita...

Lyra do amor, que o amor não mais excita,
A um silencio de morte eu te condemno ;
Despede-te; e um adeus, no ultimo threno,
Soluça ás graças da gentil Conchita:

A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo ; a esses quebrados
Olhos meridionaes de ardencia cheios ;

A esses labios, emfim, de nácar vivo,
Virgens dos labios de outrem, mas corados
Pelos beijos de um sol quente e lascivo.

JESSICA

Breve, a purpura em flôr dessa pudica
Bocca, a beijal-a algum Romeu se atreve,
E o pudor, desse rosto sobre a neve
E a dupla rosa, rosas multiplica...

Hontem — creança ainda era Jessica,
Hoje — é moça ; e não tarda que lhe enleve
A alma um feitiço novo e extranho ; e, breve,
Seu ninho virginal deserto fica...

Ao principio — creança, enche-lhe a vida
Toda um sentir diverso ; depois — ama ;
Ama, eis tudo : adejou, váe-se em seguida...

— Ave, que vóa de uma flórea rama
Para outra rama flórea, seduzida
Pelo cantar do passaro, que a chama.

ZULMIRA

Quando Zulmira se casou... Zulmira
Era o mimo, a frescura, a mocidade ;
— Languido gesto, extranha suavidade
Na voz — soluço de ineffavel lyra ;

Um candor, que não ha quem não prefira
A tudo, e esse ar de angelica bondade,
Que embellece a mulher, mesmo na idade
Em que, esquiva, a belleza se retira...

Não sei porque chorando toda a gente,
Quando Zulmira se casou, estava :
Bello era o noivo... que razões havia ?

A mãe e a irmã choravam tristemente ;
Só o pae de Zulmira não chorava...
E era o pae, afinal, quem mais soffria !

TRISTEZA DE MOMO

Pela primeira vez, impias risadas
Susta em prantos, o deus da zombaria ;
Chora ; e vingam-se delle, nesse dia,
Os sylvanos e as nymphas ultrajadas ;

Trovejam boccas mil escancaradas,¹
Rindo ; arrombam-se os diques da alegria ;
E estoura descomposta vozeria
Por toda a selva, e apupos e pedradas . . .

Fauno o indigita ; a Náíade o caçôa ;
Satyros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não ha quem d'elle se condôa !

E Echo propaga a formidavel vaia,
Que, além, por fundos boqueirões rebôa,
E, como um largo mar, róla e se espraia . . .

ANIMA CHLORIDIS

Róla a fouce de Ceres luminosa
No azul... Flora, vens já ; que a alma te sente
No ether fino, na luz, na agua, na umbrosa
Selva, e em tudo te aspira avidamente.

Vens... Na brisa odorifera e orvalhosa,
Passas... Abre o puniceo cravo ardente,
Abre a magnolia esplendida, abre a rósa,
Abre o alvissimo lyrio redolente...

Passas... Que incenso o corpo teu vapora !
Resinas, flores... tudo, na ampla nave
Do templo de Vertumno, estilla e cheira.

Deixa-me, ebrio de ti ; deixa-me, Flora,
Haurir-te a essencia, o espirito suave,
E, em extasis, beber tua alma inteira !

SONHO TURCO

—
A Lucio de Mendonça

Nasah, o miseravel thracio, um dia,
Em vãos anhelos e ancias vans se enfuna ;
De um acceso cachimbo o fumo o embala . . .
(Mahmú reinava então) Nasah dormia ;
E apparece-lhe em sonhos a Fortuna :
«Nasah, ergue-te e escuta !» Assim lhe falla —

«Eu darei vida a tudo o que anhelares,
Mesmo aos teus mais excentricos anhelos ;
Sumptuosos, magnificos harens,
Parques cheios de caça, amplos pomares,
Castellos e castellos e castellos . . .
Vê : tudo isso aqui tens !

«Queres thesoiros mais ? — A's tuas plantas,
Todo o Oriente gemmifero fulgura.
Queres sceptro e diadema ? — Cinge-os. Queres
Luxo e volupias ? — Eil-as taes e tantas :
Mulheres e cavallos, com fartura,
Bons cavallos e esplendidas mulheres.

«Queres mais ? — Dou-te prodiga, a mãos cheias,
As saphiras da Persia ; e, se o desejas,
Do fundo gôlfo os bancos de coral ;
Oiro fluido percorra as tuas veias ;
Seja oiro tudo o que tocares ; seja
Um Midas oriental !

«Vês bazares, kiosques e mesquitas ?
Torres pyramidaes, que o musulmano
Sol, de aureas côres tinge e de sinopla ?
Largas praças e ruas infinitas,
Onde, á luz, ferve um formigueiro humano...
Vês ? E' Constantinopla !

Eis a Sublime Porta, onde scintilla
O Crescente de prata ; e o throno, eis, d'onde,
Já morto, acaba de tombar Mahmú !»
«Que nova eu ouço !» — diz Nasah, a ouvil-a —
«Sou eu hoje o Grão Turco ? » — E ella responde :
«Hoje o Grão Turco és tu !»

Orna-lhe fulva pedraria o manto
Regio ; tiram-lhe o plaustro resplendente
Nedias parellhas de possantes urcos...

Prostra-se o povo... Passa Allah ? Nem tanto :
Passa um sultão apenas, simplesmente
O Imperador dos Turcos !

E elle, seguido de uma extensa linha
De janizaros, váe, do esplendoroso
Céu de Byzancio sob o pallio azul ;
E, entre festivas pompas, se encaminha
Para o mais rico, para o mais faustoso
Serralho de Stambul.

Entra ; é só delle este serralho inteiro ;
Guardam-no eunuchos mil de frente baça,
E alfanjas mil a dardejar faiscas...
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,
Lisongeiro sussurro, que perpassa
Numa nuvem de flôres e odaliscas.

Uma é da Armenia ; com desleixo, estende
A negligente perna em molle e brando
Coxim... Olhos saudosos de Erivan ;
Olhos castanhos que a paixão accende ;
Languidos olhos humidos, boiando
Em luz ; gêmeos da estrella da manhan...

Outra é circassiana : a espalda, o busto
E as torres de marfim das pomas núas,
De fresca e rija carnadura, ostenta ;
Tronco de estatua, torso alvo e robusto,
Que, em duas firmes pernas, como em duas
Firmes columnas de alabastro, assenta.

Outra é filha da Bósnia : arfa radiante ;
Ou vingança, ou ciume, lhe garante
De lindas garras côr de rosa a mão ;
Desde o entono do collo á roçagante
Cauda, rainha triumphal parece :
Collo de cysne, cauda de pavão...

Outra é nubia talvez ; no olhar, que vibra,
Ha philtros infernaes, e extranhos gosos
Nos seios bronzeos, fartos e desnudos ;
E ha em seu corpo o viço e a tenaz fibra
Dos vegetaes dos tropicos, lustrosos,
Lanceolados, rispídos e agudos...

Outra é mestiça — rara flôr do Egypto :
A par dos labios sensuaes, que osculam,
E a redondez feminea dos quadris,
Mostra um temperamento hermaphrodito ;
Tem braços, que os amantes estrangulam,
Musculosos, elasticos, viris...

Outra... São tantas ! Tantas a enleval-o,
Mais, que as huris, formosas !
Nasah... Que digo ? ! O Grão Senhor delira !
Como polygamo e amoroso gallo,
A aza arrastando a innumeradas esposas,
Nem sabe qual prefira.

A sultana qual é, dentre essa turma
De captivas gentis ? Qual mais ao grado
Será do Grão Senhor ?

A eleita qual será, com que Elle durma,
Como um céu de verão, todo estrellado,
Sobre uma varzea em flôr ?!

Nisto, nos braços da visão aerea,
Subito acorda o miseravel thracio :
Foi-se a Fortuna que, mendaz, o engana...
Acorda, não sultão, mas na miseria ;
Acorda, não em rutilo palacio,
Mas na humilde choupana.

«Mal hajas tu, mendaz Fortuna ! Certo,
Que enorme dita, ou desventura enorme,
E' tudo um sonho !» — diz Nasah emfim —
«Tu fazes que Mahmú sonhe, desperto,
O que sonha um vil thracio, enquanto dorme,
E de ambos vives a zombar assim !»

FLOR AZUL

A flôr azul pendia murcha ; e, agora,
Eil-a, outra vez, erguida
N'hastea, a sorrir, fresca, cheirosa e bella.
Que Nume, com o aroma e a côr, a vida
Lhe deu, de novo ? A aurora ?
A brisa ? O orvalho ? A luz ?...

— Não ! Foi aquella

Pallida nympha, cujo olhar piedoso
Na flôr poisára, ha pouco : — da saphira
Desse olhar, na do calyce oloroso,
Uma lagryma tremula cahira...

VESPER

Do seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outomnal, augusta e bella ;
Vesper fulgura além... Vesper ! Só ella
Todo o céu, doce e pallida, allumia.

De um mosteiro na cupola irradia,
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella,
Triste freira, fitando-a, se extasia...

Vesper, envolta em deslumbrante alvura,
O' nuvens, que ides pelo espaço a fóra !
A quem tão longo olhar volve da altura ?

Que olhar, irmão do seu, procura agora
Na terra o astro do amor ? O olhar procurá
Da solitaria freira que o namora.

POEMA DA NOITE

—

A Narcisa Amalia

Teus cantos o esplendor e a formosura
Da noite exalçam... Languido arripio
Percorre as folhas... Que fragrancia pura
Respira em torno o laranjal sombrio !

Doce palpita a brisa na espessura
Das sebes vivas... Suspiroso, o rio
A ribanceira em flôr beija, e murmura
A espreguiçar-se no seu leito frio...

E' um poema de amor, que eu ouço ; ha tantas
Rosas a abrir no campo ; e, cento e cento,
Rompem astros no paramo infinito...

Canta. Eu releio o poema, que tu cantas,
Nessa pagina azul, que o firmamento
Desdobra, todo em letras de ouro escripto...

DESDENS

Realçam no marfim da ventarola
As tuas unhas de coral — felinas
Garras, com que, a sorrir, tu me assassinas,
Bella e feroz... O sandalo se evola ;

O ar cheiroso em redor se desenrola ;
Batem-te os seios, arfam-te as narinas...
Sobre o espaldar de seda o torso inclinas
Numa indolencia morbida, hespanhola...

Como eu sou infeliz ! Como é sangrenta
Essa mão impiedosa, que me arranca
A vida aos poucos, nesta morte lenta !

Essa mão de fidalga, fina e branca ;
Essa mão, que me attrahe e me afugenta,
Que eu afago, que eu beijo, e que me espanca !

MUSA ALDEAN

Corre alazão impaciente
Vôa, rasga a nevoa fria
 Desta manhan!
Conduze-me incontinente
Aos pés da forte e sadia
 Musa aldean!

Vôa, sim, que te dão azas
O desejo e a ancia, que agita
 Meu coração;
Breve, a meus olhos, as casas
Dessa aldeia, que ella habita,
 Se mostrarão...

Cá, entre hervas mal coberto,
Serpeja um rio... Um moinho
Se move além...
Tudo me diz que está perto ;
Que este trecho do caminho
Me lembra bem.

Bem me lembra ; aqui a estrada
Se encaracola, alli desce,
Sóbe acolá ;
E a aldeia branca entornada
Por traz da igreja apparece...
Chegámos já.

—

Os sinos tngem. Da aldeia
Na rua, que ajuntamento
Tão singular !
De povo a rua está cheia,
A' espera do casamento,
Que vai passar.

E, por entré os murmurinhos
De tão curiosa gente,
A procissão
Dos convivas e os padrinhos,
Com os dois noivos na frente,
Passando vão.

Marcha com desembaraço
O noivo e, bizarro e moço,
Chibando vem ;
Traz a noiva pelo braço . . .
Que braço redondo e grosso,
Que a noiva tem !

Que braço ! Mas, céus, que vejo ? !
A noiva és tu ? ! Quem diria,
Rosa do amor ? !
Papoila do meu desejo,
E's tu ? ! Capaz quem seria
De tal suppôr ? !

—

Leva abrigados da aragem,
A' nuca presos, compridos
E sensuaes,
Como de um corvo a plumagem,
Os cabellos, em brunidos,
Negros torçaes.

Cáe da grinalda á cintura
O frouxo véu, malicioso
Rosto a ennuclar ;
E entre essa nevoa fulgura
O Vesper de um languoroso
Madido olhar.

Olhos negros, grandes olhos,
Que o amor accende num vivo
Lume fallaz,
E o fino til dos sobrolhos,
Ccmo em brando augmentativo,
Majores faz !

Que effluvios delles emanam !
Já de olhos taes nos ardores
Minha alma ardeu ;
Ou são os meus que se enganam,
Ou esses enganadores...
Conheço-os eu.

—

O noivo, que se não zangue :
Que ella é hoje, eu não me esqueço,
Sua mulher.
Prudencia ! Effusão de sangue
Não haja, que por tal preço
Ninguem na quer !

Se a perdel-a eu me resigno,
Sobre isso não vale a pena
Perder-me a mim ;
Demais, fôra menos digno
Algum escandalo, ou scena
De espadachim...

Guardo no emtanto em memoria
Os ineffaveis momentos...

Mas, por quem sois,
Contar não vos devo a historia
De uns beijos, de uns juramentos
Rotos depois...

A historia é vulgar; e, em summa,
A essa historia semelhante
Ha tantas mais!
Um casto incenso a perfuma;
Tem colloquios entre amantes,
Suspiros e ais...

—

Um dia, na mais calmosa
Sazão, sob as laranjeiras,
Junctos e sós,
Ella, a noiva, ella, medrosa,
Trinou-me as juras primeiras,
Com doce voz.

E essa voz inda no ouvido
Me sôa, como o trinado
De um rouxinol,
E inda, sobre mim pendido,
Lhe vejo o rosto corado
De pejo e sol.

E um beijo... Mas não se zangue
O noivo, que eu não cobiço
Sua mulher.

Prudencia ! Effusão de sangue
Não haja, que a troco disso
Ninguem na quer.

Um beijo por fim se esquece
E ella hoje, que está casada,
Tudo esqueceu ;
E' como se não se dêsse
O beijo e mais nada, nada
Do que se deu.

PRIMAVERIL

Despertou ; e eil-a já, fresca e rosada,
Na varzea em flôr, que se atavia e touca
Da primavera ao bafo, e onde é já pouca
A neve, ao sol fundida e descoalhada...

E em sua tremula, infantil risada,
A bocca abrindo, patenteia, a louca,
Rico escriptorio de perolas da bocca
Na pequenina concha nacarada...

Vôa, as papoilas esflorando e as rosas...
Passa entre os jasmineiros, que se agitam,
A's vezes célere e pausada ás vezes...

E, sob as finas roupas vaporosas,
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscopicos, chinezes...

CHUVA E SOL

Agrada á vista e á phantasia agrada
Ver-te, atravez do prisma dos diamantes
Da chuva, assim ferida e atravessada
Do sol pelos venabulos radiantes...

Váes e molhas-te, embora os pés levantes :
— Par de pombos, que a ponta delicada
Dos bicos mettem n'agua e, doidejantes,
Bebem nos regos cheios da calçada...

Váes, e, apesar do guarda-chuva aberto,
Borrifando-te, colmam-te as gotteiras
De perolas o manto mal coberto ;

E estrellas mil cravejam-te, fagueiras,
Estrellas falsas, mas que, assim de perto,
Rutilam tanto, como as verdadeiras...

NOITES DE INVERNO

Emquanto a chuva cáe, grossa e torrencial,
Lá fóra ; e emquanto, ó bella !
A lufada glacial
Tamborila a bater nos vidros da janella ;

Dentro, esse aureo torçal
Do cabelo, que, rico, em ondas se encapella,
Deslaça ; e o alvor ideal
Do teu corpo á avidez do meu olhar revela ;

Porque, á avidez do olhar
Do amante, é grato, ao menos,
Dessas noites no longo e monotono curso,

— Claro como o luar —
Ver um busto de Venus
Surgir nú dentre as lans e dentre as pelles de urso.

ARIA NOCTURNA

Da janella, em que, olhando para fóra,
Bebes da noite o incenso em longos tragos,
Claro escorre o luar... Em sonhos vagos,
Atraz da sombra espreita, rindo, a aurora...

Longe uns dolentes, musicos afagos,
Sentes?... Não é o rouxinol, que chora
Nas balsas, nem o vento que desflora
A toalha friissima dos lagos...

E' elle ; e vaga toda a noite, emquanto
O luar macilento e o campo floreo
Tresuam molle e perfido quebranto...

Não lhe ouças, filha, o canto merencorio !
Fecha a janella e foge, que esse canto
Vem da guitarra de D. Juan Tenorio !

CŒERULEI OCULI

(TH. GAUTIER)

Certa mulher mysteriosa,
Que me allucina, costuma
Manter-se em pé, silenciosa,
Juncto ao mar, que ferve e espuma...

No olhar onde o céu se pinta,
Que palheta singular,
Ao amargo azul, a tinta
Glauca mistura do mar ? !

Na languorosa pupilla
Boia uma tristeza vaga,
E a lagryma, que vacilla
E rola, o seu lume apaga.

Lembram-me os cilios suaves,
A palpitar, branca e exul
Tribu de aquaticas aves
Sobre o indefinido azul...

Qual d'agua no transparente
Prisma, do olhar se devassa
No fundo, nitidamente,
Do rei de Thule a aurea taça ;

E, entre a alga e o sargaço, a gemma
Mais rara deslumbra, e estão
De Cleopatra o diadema
E o anel do rei Salomão ;

E a irradiação irisada
Das pedrarias se accende ;
E a corôa da ballada
De Schiller fulge e respande.

Mago prestigio me enleia
E ao fundo abysmo de luz
Me arrasta, como a sereia,
Que a Harald Harfagar seduz,

Me arrasta á ignota voragem,
Até que eu nella me arroje
Traz da impalpavel imagem,
Que, aerea e fatua, me foge...

N'agua esconde a nympha bella
A cauda argentea ; e o brancor
Da espadoa lisa revela,
Corando, da espuma á flôr...

Incha, e, como um seio, arqueja
A vaga ; em morbido accento,
Na cava concha, solfeja,
Soluça, resona o vento...

«Vem, reclina-te em meu leito
De ambar, e o saibo de fel
Das ondas verás, desfeito,
Manar-te da bocca, em mel ;

«O pelago estoura e zune
Por cima ; e a paz aqui mora,
Sem que o rumor a importune
Das tempestades de fora...

«Vem ! Sem tédio, nem bocejos,
O esquecimento immortal
Bebamos junctos, dos beijos
Pelo copo de coral !»

Assim é que a voz me falla,
Desse olhar, que me extasia ;
E ao fundo d'agua, a escutal-a,
Desço... E o hymeneu principia...

UM SONETO DE LOPE DE VEGA

— — —
A Francisco Sodré

Lucinda, a loura, quando a um'ave abria,
Certa vez, a gaiola, a prisioneira,
Da gaiola escapando-se ligeira,
Deixou confusa a moça... E esta dizia :

«Ave, porque me foges e, erradia,
Vôas? Talvez, nos bosques forasteira,
Laço, armadilha, ou bala traiçoeira
De fallaz caçador te aguarde, um dia !

Porque ao risco e ao perigo dás a vida?
Porque... ?» — Mas nisto, de queixosa, em pranto
Desfez-se toda a pallida senhora...

E a ave á gaiola volta commovida,
Commovida por vêl-a a chorar tanto,
Que tanto póde uma mulher, que chora.

A AVE-MARIA

Ave-Maria ! Emquanto nas campinas
As «boas-noites» abrem, mysteriosas
Boccas exhalam no ar phrases divinas,
Como suave emanação as rosas. . .

O' noivas do infortunio lacrymosas,
Creanças loiras, morbidas meninas,
Orphãs de lar e beijos, que, piedosas,
Ergueis ao céu as magras mãos franzinas !

Quando rezaes, ás horas do sol-posto,
A *Ave-Maria* assim, no azul parece
Sorrir-se a Virgem-Mãe aos desvalidos ;

Nossa Senhora inclina um pouco o rosto
Para escutar melhor tão meiga prece,
Hymno tão doce e grato aos seus ouvidos.

ANOITECER

A Adelino Fontoura

Esbrazea o Occidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por ceus de ouro e de purpura raiados,
Fogem... Fecha-se a palpebra do dia.

Delineam-se, além, da serra
Os vertices de chamma aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancholia...

Um mundo de vapores no ar fluctua...
Como uma informe nodoa, avulta e cresce
A sombra á proporção que a luz recúa...

A natureza apathica esmaece...
Pouco a pouco, entre as arvores, a lua
Surge tremula, tremula... Anoitece.

SÓSINHA

E' tarde, e elles não vêm ! O dia finda,
E, extincto archote, tomba o sol... A' estrada
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada !
Recolhe-se á cabana, e espera ainda...

Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E elles não voltam da caçada !
E ella tão só !... Já pende fatigada,
Cheia de somno, a sua fronte linda.

Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Como um tropel, na solitaria rua...

Antojou-se-lhe logo, que seriam,
Elles e a porta abriu... Ninguém ! Sómente,
Por trás da serra, ia se ergundo a lua...

A CAVALGADA

A lua banha a solitaria estrada...
Silencio!... Mas além, confuso e brando,
O som longiquo vem se aproximando
Do galopar de extranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrepito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez soturno desce...
E limpida, sem macula, alvacenta
A lua a estrada solitaria banha...

CONTINÚA...

Vou proseguir a narração sentida
Das nostalgias e dos dissabores
Da minha longa ausencia, mas se fores
Capaz de ouvil-a sem chorar, querida.

Para a Hespanha, em Outubro, na partida
Da primavera, no cahir das flores,
Segui... E' esta pagina (não chores !)
A pagina peor da minha vida !...

Captivou-me uma dama de Sevilha,
Foi isso um crime que julguei nefando ;
Tive remorsos !... (Porque choras, filha ?)

Vejo te hoje tão pura, como quando
Parti... (O pranto nos teus olhos brilha !)
Ora ! não continúo : estás chorando !...

DESPEDIDAS

Lucia teve um desmaio no momento
Em que Amphriso partiu ; a loura Alice,
De Antenor despedindo-se, lhe disse :
«Váe, que contigo váe meu pensamento !»

Fez Julia a Arthur um grave juramento ;
E Amelia, num accesso de doudice,
Protestou que, se a Alfredo não mais visse,
Não na veriam mais, que num convento !

Tu não ! Nem desse olhar o azul celeste
Desmaiou ; nem de phrases previo estudo,
Como as outras fizeram, tu fizeste ;

Quando eu parti, teu labio esteve mudo ;
Tu, formosa Leonor, nada disseste,
Mas, sem nada dizer, disseste tudo !

LEMBRANÇA

Juncto da fonte murmura, offegante,
Outra fonte dos olhos te nascia ;
E me disséste... Ai ! tudo inda brilhante
Tenho em mente : o logar, o instante, o dia...

Tudo ; só me não lembra o que dizia
Teu labio, e isso porque, chorosa amante,
Porque naquelle instante eu nada ouvia,
Tão doloroso me era aquelle instante.

Tua voz tinha um timbre harmonioso,
Que, qual musica vaga e imaginaria,
Inda me fêre o ouvido suspiroso ;

Inda me sôa, como flébil aria
Modulada num calamo choroso,
Tenue, longiqua, branda, solitaria...

NO OUTOMNO

A ardencia em vão te aplaca ao labio lindo
Esse angelico sopro e halito ameno :
— Vento outomnal de longes campos vindo
Cheios de fresco, de oloroso feno...

Antes, sob o anilado espaço infindo,
Vissemos nós, verdes, em flôr, e em pleno
Ar, humidas do choro do sereno,
As laranjeiras virginaes sorrindo...

Antes, da primavera o sol, que amamos,
Seus dardos a partir contra os abrolhos,
Que a rocha viva bróta, hispidos, brutos...

E em vez dos fructos de ouro, que ha nos ramos,
Antes, querida, vissem nossos olhos
As flores, que eram berços desses fructos...

FASCINAÇÃO

—

Todo o teu ser contemplo agora ; e é quando,
Para só contemplal-o, até prescindindo
Do meu ; e enquanto o meu se vae sumindo,
Vae o teu aos meus olhos avultando...

Assim quem vae o pinCARO galgando
De uma alta serra, do horizonte infindo,
Nota que, á proporção que vae subindo,
Se vae em torno o circulo ampliando...

E, infimo em face da amplidão tão grande,
Fôsko, a pupilla, com pavor, expande...
A baixo mares vê, selvas, cidades,

Montanhas... E até onde o olhar attinge,
A' immensidade esplendida, que o cinge,
Vê ligarem-se mais immensidades...

FANTINA

Emquanto ao peito maternal unida
Tens do infante a boquinha côr de rosa,
Que — inexoravel, soffrega ventosa —
Te suga o leite, o sangue, a força, a vida ;

Não é, mulher invalida e abatida,
Mais que a tua a alegria generosa,
Que o pelicano, juncto á prole, gosa,
Quando da propria carne a vê nutrida.

Ao filho, ó mãe, que, no lençol doirado,
Envolto dorme, tacito e tranquillo,
Desse loiro cabello desmanchado,

— Manche-te a infamia, embora, o sacro asylo —
Do virginal pudor esfarrapado
Inda um farrapo tens para cobril-o !

SOROR PALLIDA

Bem haja inda esse raio solitario
Da luz, que, tanta, em mim resplandecia ;
Esse que — unico e triste alampadario —
As ruinas desta alma inda alumia ;

E a piedosa visão, que ante o sacrario
Da antiga fé, se ajoelhou, sombria,
E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrymas desfia . . .

Bem haja essa, que, pallida e marmorea,
Do amor extincto inda soluça o nome,
Debulhando-lhe as syllabas ao vento ;

E inda depõe no tumulo, onde a gloria,
O sonho, a vida, a luz . . . tudo se some,
Uma flôr, uma phrase, um pensamento.

PEREGRINAS

Vejo-as inda passar, pallidas, bellas ;
Ouço-lhes inda as vozes amorosas,
Fallando aos valles :— que extendal de rosas !
E aos céus fallando :— que porção de estrellas !

Almas em flôr, e resoando nellas,
Doce, a guzla das aves, em radiosas
Manhãs a arder em purpura, e, cheirosas,
A orvalhar-lhes as candidas capellas . . .

Iam atraz de uma illusão, de um ninho,
De uma nuvem, de um echo . . . e, já prostradas,
Vejo-as todas em meio do caminho . . .

Chora-as o sol das mesmas alvoradas ;
E eil-as dormindo, ao capitoso vinho
Dessas lagrymas de ouro embriagadas.

MADRIGAL

O loiro Julio um passarinho caça,
E a doce Estella vem-lhe ao pensamento :
«Vou dal-o á Estella, diz com brando accento,
A' Estella cheia de candura e graça.»

Põe-no sob o chapéo (que em tal momento
Lhe falta uma gaiola) e, em quanto passa
A catar algum vime com que faça
A gaiola, estas phrases solta ao vento :

«Em paga disso um beijo, um só me dares,
E' pouco : mais de dez, mimosa Estella,
Te hão-de roubar meus soffregos desejos...»

Mas o vento o chapéo lhe arroja aos ares :
A ave, liberta assim, vôa... e com ella
Lá se foram tambem todos os beijos...

NA PONTA DE UMA FLECHA

O Deus loiro, rosado e nú, que os poetas
Pintam de aljava á cinta e arco cingindo,
E, como os seraphins e as borboletas,
Com um par de azas palpitante e lindo;

O menino pagão, que, nas inquietas
Pupillas de alguns olhos, móra ; e, rindo,
Ahi, ás vezes, se diverte, settas,
De dentro para fóra, despedindo ;

Um dia a taes prazeres se abandona
Dentro de vossos olhos, e, imprudente,
Em um dos olhos fere a propria dona...

Eil-a a flecha nefasta ; eu vol-a entrégo...
Resta um dos olhos só, mostrando á gente,
Que o amor não é completamente cégo

A SELVA DO LEÃO

Sobre estes robles inda paira a imagem
Da morte; aqui tombaram, cento e cento,
Pilhas de heroes, e o fulvo Leão cruento
Rugiu ébrio de sangue e de carnagem...

Inda se sente a fervida bafagem
Da peleja, e inda o lugubre lamento
Se ouve dos mortos, no ulular do vento,
Que nos troncos soluça, e na ramagem...

Quedam no eterno somno tenebroso
Aqui, onde, da abobada infinita,
A aguia fixou outr'ora o olhar medroso;

Mas sua alma inda aqui, brava, se agita,
E é seu valente coração, que, ancioso,
Na raiz destas arvores palpita.

PLENILUNIO

Além nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sáe !
Luz entre as franças, fria e silente ;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão acceso subindo váe . . .

Ha tantos olhos nella arroubados,
No magnetismo do seu fulgor !
Lua dos tristes e enamorados,
Golphão de scismas fascinador !

Astro dos loucos, sol da demencia,
Vaga, noctambula apparição !
Quantos, bebendo-te a refulgencia,
Quantos por isso, sol da demencia,
Lua dos loucos, loucos estão !

Quantos á noite, de alva sereia
O fallaz canto na febre a ouvir,
No argenteo fluxo da lua cheia,
Allucinados se deixam ir...

Tambem outr'ora, num mar de lua,
Voguei na esteira de um louco ideal ;
Exposta aos euros a fronte nua,
Dei-me ao relento, num mar de lua,
Banhos de lua que fazem mal.

Ah ! quantas vezes, absorto nella,
Por horas mortas postar-me vim
Cogitabundo, triste, á janella,
Tardas vigílias passando assim !

E assim, fitando-a noites inteiras,
Seu disco argenteo n'alma imprimi ;
Olhos pisados, fundas olheiras,
Passei fitando-a noites inteiras,
Fitei-a tanto, que enlouqueci !

Tantos serenos tão doentios,
Friagens tantas padeci eu ;
Chuva de raios de prata frios
A fronte em braza me arrefeceu !

Lunarias flores, ao feral lume,
— Caçoilas de opio, de embriaguez —
Evaporavam lethal perfume...
E os lençoes d'agua, do feral lume
Se amortalhavam na lividez...

Fulgida nevoa vem-me offuscante
De um pesadelo de luz encher,
E a tudo em roda, desde esse instante,
Da côr da lua começo a ver.

E erguem por vias enluaradas
Minhas sandalias chispas a flux...
Ha pó de estrelas pelas estradas...
E por estradas enluaradas
Eu sigo ás tontas, cego de luz...

Um luar amplo me inunda, e eu ando
Em visionaria luz a nadar,
Por toda a parte, louco, arrastando
O largo manto do meu luar...

OS CIGANOS

(PARAPHRASE)

A José Verissimo

I

Um dia, ao fim de incommoda jornada,
De uma longa jornada por mim feita,
Com perigos não menos do que damnos,
Ao crepusculo vi, na volta estreita
De sinuosa estrada,
Tres farrapados, miseros ciganos.

Um — da viola amiga, unida ao peito,
Dedilhando-lhe as cordas, indolente,
Tirava brandos sons... Que ar satisfeito !
Que ar de satisfação completa havia
No seu moreno rosto, que o poente
De rubra e vigorosa côr tingia !

Outro — aspirando o seu cachimbo, ocioso,
Nas espiraes do fumo azul deixava
Pascere-se-lhe os olhos, descuidoso...
E tinha, entre os farrapos, o ar tranquillo,
O ar de quem de mais nada precisava,
O ar de quem para quem bastava aquillo.

Dormia o ultimo á sombra da ramagem,
E sobre elle a oscillar — quadro risonho ! —
Pendia um par de cymbalos que a aragem
Resonava ao passar, leve e fugace...
Tambem a doce aragem de algum sonho
Pelo seu coração talvez passasse...

II

Os tres ciganos miseros... Que digo ?
Miseros somos nós ; misero o louco
 Como eu, ou tu, amigo,
Que, tendo em muito o que elles têm em pouco,
Empós de um sonho vão em vão se cança.
Qual ! Nem esse appetite immoderado
 De gloria e de fortuna ;
Nem viver da saudade e da esperança ;
 Nem rever o passado,
Ou prever o futuro, a alma conforta.

Antes pela existencia andar á tuna :
Somno, viola e fumo, e ao Deus dará...
O que passou, já lá se foi — que importa ? —
E o que ha de vir, por sua vez virá !
Para a dôr do viver, que nos devasta
E que beijo nenhum de amor consola,
Os ciganos fizeram-me sentir,
Que, das tres cousas, uma só nos basta :
— Tocar viola,
Fumar cachimbo, ou dormir.

PELAGO INVISIVEL

Sentes-lhe, acaso, o soluçoso grito,
Os bravos éstos, o guaiar plangente ? !
Ah ! Ninguem vê, mas todo o mundo sente
A alma — Atlantico intermino, infinito...

A's bordas delle eu me debruço afflicto.
Não mires a este espelho a alma innocente !
Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente ;
Muita vez, choro ; muita vez, medito...

E elle, ora, inchado, estoura e arqueja e nuta ;
Ora, turgido, a c'rôa victoriosa,
De rutilante espuma, aos céus levanta ;

Ora, placido, offéga... e só se escuta
A saudade — sereia mysteriosa,
Que, em suas praias infinitas, canta...

SAUDADE

A Henrique de Magalhães

Aqui outr'ora retumbaram hymnos ;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os ouropeis mais finos...

Arcos de flôres, fachos purpurinos,
Trons festivaes, bandeiras desfraldadas,
Gyrandolas, clarins, atropelladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou ! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguem se assenta sobre as lageas frias ;

E em torno os olhos humidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalem de tantos sonhos !...

TRES ESTANCIAS

I

Interrogaste o lyrio immaculado,
Na leda estancia, na vernal sazão ;
Interrogaste o lyrio immaculado
E respondeu-te o infante, loiro irmão
Dos cherubins, no limiar sentado
Da existencia, a sorrir — lyrio em botão.

II

Interrogaste a flôr da laranjeira,
Entre corymbos, na sazão do amor ;
Interrogaste a flôr da laranjeira,
E respondeu-te a virgem, sob o alvôr
Da gaze, «eu amo» a segredar fagueira,
Noiva, a cingir da laranjeira a flôr.

III

Hoje interrogas o cypreste esguio,
Hoje, que em torno tudo é morto já;
Hoje interrogas o cypreste esguio,
Que, juncto ás campas, de atalaya está:
As derradeiras folhas tombam, frio
Soluça o vento...

Quem responderá?!

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dôr que mora
N'alma, e destróe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse ;

Se se pudesse, o espirito que chora,
Vêr atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse !

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa !

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa !

HORACIO FLACCO

—

Julgo eu que, em tua sabia e conselheira
Musa, mais invejavel é... (não digo,
Que o dom de até no ardor, provectoro amigo,
Ser sempre a mesma : — sobria e verdadeira ;

Nem digo que esse engenho e essa maneira
Com que ella, das virtudes o aureo trigo
Ceifado ao campo do bom senso antigo,
Pingue, abastoso e uberrimo, joeira...)

Mais invejavel digo que é, e o julgo,
A sciencia não vulgar de, em companhia
Della, e olvidado do profano vulgo,

Dentro em ti mesmo, achares essa para
Paz de espirito e essa intima alegria,
Que, debalde, entre os homens se procura.

O MISANTROPO

«Je veux que l'on soit homme, et qu'en toute rencontre
Le fond de notre cœur dans nos discours se montre;
Que ce soit lui qui parle, et que nos sentiments
Ne se masquent jamais...»

MOLIÈRE (*Le Misanthrope*,) act. 1.^o scen. 1.^o

A' bocca, ás vezes, o louvor escapa
E o pranto aos olhos; mas louvor e pranto
Mentem: tapa o louvor a inveja, emquanto
O pranto a vesga hypocrisia tapa.

Do louvor, com que espanto, sob a capa
Vejo tanta dobrez, ludibrio tanto!
E o pranto em olhos vejo, com que espanto,
Que escarnecem dos mais, rindo á socapa!

Porque, desde que esse odio atroz me veio,
Só traições vejo em cada olhar venusto?
Perfidias só em cada humano seio?

Acaso as almas poderei sem custo,
Ver, perspicuo e melhor, só quando odeio?
E é preciso odiar para ser justo?!

TEMOR

Esses momentos breves
e ventura, e em que um raio doce aclara
Um trecho á tua tenebrosa vida,
Saboreal-os deves ;
Esses momentos de fugaz ventura.
— Esta é como exquisita fructa rara,
Por muito rara, muito appetecida ;
Fructa, cujo sainete pouco dura,
Saboreada com vagar, embora ;
Deleita o gosto, assim saboreada,
Porém, soffregamente devorada,
Machuca e sangra a bocca, que a devora.

Que esse labio sorria
Emquanto a dôr sopita não desperta,
Nem vem do intimo goso, que elle cala
Discreto e silencioso,
Nenhum rumor alegre desperta-a.
Como um vinho acre-doce, da alegria
Ao saibo ás vezes mescla-se o amargoso
De uma tristeza incerta
E vaga... Aos tristes disfarçal-a custa ;
Pois, por um só prazer, mesquinho e raro,
A desventura cobra-se tão caro,
Que aos tristes o menor prazer assusta !

OS ARGONAUTAS

(J. M. DE HEREDIA)

De Palos — como, a errar, longe do azul natal,
Os gerifaltos vão... — em chusmas, audaciosos,
Ávidos capitães, pilotos cubiçosos,
Partiram navegando empós de extranho ideal...

Vão conquistar além, das minas do metal,
Que Cipango enthesoura, os veios fabulosos ;
Sonham, boiando em luz, paizes mysteriosos,
Praias, climas, regiões do mundo occidental...

Sulcam assim, mar alto, infatigavelmente...
Miragens tropicaes, longe, enganosamente,
Esboçam construcções e torres de ouro no ar...

E elles á prôa vão das alvas caravelas,
Vendo só, despenhado em turbilhões de estrellas,
Todo o infinito céu sobre o infinito mar...

CAUCHEMAR

Penetro a estancia funebre e sombria,
Extremo leito da mulher amada ;
E êrgo a loisa, que a cobre — despojada
De toda a graça ideal, que a revestia :

Da belleza, onde um casto amor sorria,
Pudica e doce, nada resta, nada !
Núa de carnes, só a branca ossada,
Que apalpo e sinto fria, fria, fria . . .

E, o somno seu eterno interrompendo,
Clamo . . . Da noite o vento álgido córta,
Cáe neve e é gelido o esplendor da lua . . .

Então, a erguer-se, pávida, tremendo
De frio e com pudor, me diz a *morta* :
«Cobre-me ! Ha tanto frio e estou tão núa !»

BEIJO POSTHUMO

Do meu primeiro amor, eis-lo o templo em ruina !

No estomago da morte, atro e voraginoso,
Essa carne ideal, deliciosa e fina,
Cahiú como um manjar fino e delicioso !

E antes que tudo venha a suppurar em flores,
Sob o pudor da morte os membros seus inermes
Têm de ser fatalmente o pabulo dos vermes
Frios e roedores...

E o beijo que pedi e ella jámais me deu,
Que em vida quiz colher e nunca foi colhido,
Cáe do seu labio como um fructo apodrecido...

O' beijo virginal ! fructo que apodreceu !

(FENEI ON)

Baccho, quando pequeno,
Pelo chorudo semi-deus Sileno
Era educado.

Um dia, junctamente,
Buscam, mestre e discipulo, o recesso
Mais escuso, recondito e tranquillo
Do antigo bosque consagrado a Apollo ;
Sitio, onde a luz solar, escassamente,
Com precaução, entre o aranhol espeso
Dos sycomoros filtra ; e, em cujo solo,
Misturadas a sombra e a claridade,
Num crepusculo vago, arfam confusas...

E' este o ameno asylo,
Que entram, propicio a conversar as musas.
Ahi do estio o ardor penetra a custo,
Fresco o recinto, amplo silencio o invade,
Favoravel á scisma, temperado

Pelo barulho alegre da agua, apenas,
Que entre cascalhos se deriva clara,
E as freneticas, doidas cantilenas
Dos ninhos vivos...

Para

Dos deuses estudar a lingua, ao lado
De alto carvalho solido e robusto
Assentam-se ambos...

Era

Um carvalho, que o tempo não pudera
Tombar ; que de seu rijo tronco vira
Varões surgir da idade de ouro, e, outr'ora,
Oraculos, solemne, proferira...
Trás d'elle, vê-se um joven Fauno agora.
Baccho ahi a licção começa, e, attento,
Uns versos em Calliope apprendidos
Recita ao mestre... O esperto e malicioso
Fauno o escuta ; e a sorrir, de quando em quando,
A Sileno, o bom velho pachorrento,
Com gestos ia, os erros commettidos
Pelo pueril discipulo, indicando...
As Naiades e as nymphas da sagrada
Selva tambem sorriam zombeteiras
Em roda...

O Fauno era um censor gracioso ;

Bella cabeça pampinosa, ornada
Dos rubicundos cachos das parreiras ;
Qual verde charpa, em linhas sinuosas,
Da espadao varonil, muscula e dura,
Pendia-lhe um festão de heras viçosas ;
E o corpo envolto, abaixo da cintura,

Tinha na pelle mosqueada e grossa
De uma panthera, que escorchado havia...

Baccho impaciente, emfim, porque não possa
Já supportar, mais tempo, a zombaria
Desse aristarcho intruso e provocante,
Que prompto sempre a escarnecer estava,
Quando elle, em tono menos elegante,
O verso lia, ou quando o verso errava :
— «Porque ousas tu zombar (com voz terrivel
Diz) de um filho de Jupiter ?!»

Soturno,

Assim fallando, com despeito cerra
O cenho ao Fauno...

E o Fauno por seu turno :
— «Porque ousas tu errar ?! (calmo e impassivel
Diz) Um filho de Jupiter não erra !»

ELMANI TABERNULA

Libemos

Almo, rubro licor, que gera es risos,
E a memoria tenaz de acerbos males
Apaga...

BOCAGE

Aqui, nem tenue lagryma a esmeralda
Do olhar lhe enturbe mais ; nem mais lhe dôa
O escarro com que a inveja lhe ennodôa
Louros que lhe ornam a cabeça.

Do ideal, que a vasta fronte a arder lhe escalda,
A sede aqui lenir busque ; e a alegria
Beba aos cópos ; e exulte e cante e ria
E os odios finalmente esqueça...

Censurem-no homens de propecta idade ;
Desdenhe-o a hypocrisia ; e, por maldade,
O vulgacho escarninho mófe ;

Que importa ? se elle ao menos sente
Aqui bater-lhe o coração contente,
E o coração contente lhe enche a estrophe !

A VENUS DE VIENNA

(ARMAND SYLVESTRE)

Quando — ó deusa pagan, cujo esplendor fulmina —
De ignoto artista a mão, á rija entranha dura
Do marmor, te arrancou a estatua peregrina,
Nelle fixou tambem, perpetua, a formosura ;

Nelle a imagem talhou, immortal e profunda,
Onde descobre o olhar, em lubrica vertigem,
A amante despiedada e a mulher-mãe fecunda,
Fonte de todo o bem, de todo o mal origem.

Com duplo e largo esforço arredondou-te o flanco,
Dos solidos quadris torneou-te a opulencia,
E inclinou dessa espada o longo sulco branco
Ao jugo da caricia e ao jugo da insolencia.

Sob o collo bojou, entumeceu-te os seios
Robustos ás paixões, e onde vêm arquejantes,
Sitibundos beber, como em dois tanques cheios,
Os labiões infantis e as boccas dos amantes.

E no ventre, ante o qual os sentidos se insurgem,
Rasgou-te amplo, a cinzel, o boqueirão mundano,
Onde entram gerações, de onde gerações surgem,
Como, sem trégua, o fluxo e refluxo do oceano...

Pois, quando o homem succumbe ao tédio e á vida, é quando
O amor com braço firme o empuxa e arroja, um dia,
Como um bronco animal, bebado e cambaleando,
No abysmo em cujo fundo o seu nada jazia...

MAZZEPPA

A primavera amplo tapete
Luxuriante estende
Pela planura, em torno ; e do arvoredado a copa
De corymbos, festões e luz se esmalta...
Tudo percorre, a voar, o indomito ginete ;
Como rija rajada, os ares fende ;
Barrancos salta
Veloz ; e, ligeiro,
Das savanas atravez,
Sem freio, escumando, nitrindo, galopa...
Pára ! — exclamam em vão — Cavalleiro,
Vê que abysmo se rasga a teus pés !

Suspende, louco ! — em vão exclamam —
Colhe a redea, mancebo !
Cegos ! Não vêem, que eu vou a este ginete ardente
Jungido, como o principe cossaco !

Em vão ! A primavera e o amor é que me inflamam.
Que a um abysmo irei ter, em vão percebo ;
 Em vão atraco,
 E em vão ponho brida
 A esta selvagem paixão !
Em vão ! Em vão todos exclamam : — Detem-te !
Em vão : — Susta essa infrene corrida !
Em vão : — Pára ! — mil vezes em vão !

BANZO

Visões que n'alma o céu do exílio incuba,
Mortaes visões ! Fuzila o azul infando...
Collea, basilisco de ouro, ondeando
O Niger... Bramem leões de fulva juba...

Uivam chacaes... Resôa a fera tuba
Dos cafres, pelas grotas retumbando,
E a estralada das arvores, que um bando
De pachydermes collossaes derruba...

Como o guaraz nas rubras pennas dorme,
Dorme em nimbos de sangue o sol occulto...
Fuma o saibro africano incandescente...

Váe co'a sombra crescendo o vulto enorme
Do baobab... E cresce n'alma o vulto
De uma tristeza immensa, immensamente...

CHILD HAROLD

(PARAPHRASE)

Singra o navio ufano ..
Vão dois vultos á popa, e o corpo informe
Do morto guardam — mudas sentinellas —
O luar enche o oceano,
E, como as azas de um vampiro enorme,
Abre o dragão marinho as largas velas...

Trás d'elle a onda talhada
Desprega alvos lençóes de espuma, ardendo
Em luz e phosphoro, e onde os céus se avivam...
E a tunica estrellada
Da noite vasta e ideal, resplandecendo,
Como alfinetes de ouro, os astros crivam...

8

Cheios da estranha magua
Da infausta morte, os genios do ar, errantes,
Choram... Os mastaréos hartos e implexos
Cruzam-se ; e ondulam n'agua,
Como peixes de fogo, coruscantes,
Aureos circulos, tremulos reflexos...

Soluçam as ondinas,
Inconsolaveis noivas, o despojo
Dessa formosa vida sopesando...
Como em largas buzinas,
Sopra o vento do mar, no pardo bojo
Das amplas velas concavas, cantando...

JOB

Quem vae passando, sinta
Nojo embora, alli pára. Ao principio era um só;
Depois dez, vinte, trinta
Mulheres e homens... tudo a contemplar o Job.

Qual fixa boquiaberto;
Qual á distancia vê; qual se aproxima altivo,
Para olhar mais de perto
Esse pantano humano, esse monturo vivo.

Grossa turba o rodeia...
E o que mais horrorisa é vê-lo a mendigar,
E ninguem ter a ideia
De um só vintem ás mãos roidas lhe atirar?

Não ! Nem ver que a indigencia
Em pasto o muda já de vermes ; e lhe impera,
Na immunda florescencia
Do corpo, a podridão em plena primavera ;

Nem ver sobre elle, em bando,
Os moscardos crueis de rispídos ferrões,
Incommodos, cantando
A musica feral das decomposições ;

Nem ver que, entre os destroços
De seus membros, a Morte, em blasphemias e pragas,
Descarnando-lhe os ossos,
Os dentes mostra a rir, pelas boccas das chagas ;

Nem ver que só o escasso
Rôto andrajo, que a lepra horrivel, que lhe prúe,
Mal encobre, e o pedaço
De telha, com que a raspa, o misero possui ;

Nem do vento ás rajadas
Ver-lhe os farrapos vis da roupa fluctuante,
Voando — desfraldadas
Bandeiras da miseria immensa e triumphante !

Nem ver... Job agonisa !
Embora ; isso não é o que horrorisa mais.
— O que mais horrorisa
São a falsa piedade, os fementidos ais ;

São os consolos futeis
Da turba que o rodeia, e as palavras fingidas,
Mais baixas, mais inuteis
Do que a lingua dos cães, lambendo-lhe as feridas :

Da turba que se, odienta,
Com a pata brutal do seu orgulho vão
Não nos magôa, inventa,
Para nos magoar, a sua compaixão !

Se ha, entre a luz e a treva,
Um termo medio, e em tudo ha um ponto mediano,
E' triste, que não deva
Haver isso tambem no coração humano !

Porque n'alma não ha de
Um meio termo haver dessa gente tambem,
Entre a inveja e a piedade ?
Pois tem piedade só, quando inveja não tem !

*

* *

Homem, embora exasperado brades,
Aos céus (bradas em vão e te exasperas)
Ascendo, arroubo-me ás immensidades,
Onde estruge a alleluia das esphasas...

Cá baixo, o que ha ? : traições e iniquidades,
As tramas, que urdes, e os punhaes, que acéras;
As féras nos sertões, e nas cidades
Tu, homem, tu, inda peor que as féras !

Cá baixo : a Hypocrisia, o Odio sanhudo
E o Vicio com tentaculos de polvo...
Lá cima : os céus... Dos céus o olhar não desço.

Homem, bicho da terra, hediondo é tudo
O que eu conheço aqui ; eis porque volvo
O olhar, assim, para o que não conheço !

NIRVANA

—
Ao Barão de Paranapiacaba

Nirvana um dia a enorme e desmedida guela
Escancarou na sombra ; e eis a engolpar-se nella
Tudo que então vivia e o que viveu após. . .
Como um mar que, embocando impetuoso a foz
De um rio, de roldão arrasta nesse impulso
Tudo que encerra á flôr e no amago convulso :
Cetaceos, cabedaes submersos, escarcéus
De espuma, grandes náus, selvas de mastaréus
E quilhas. . . assim tudo o atro golphão devora.
Monstros phenomenaes cuja ossada apavora ;
Abortos da saturnea idade ; collossaes
Destroços de Heracléa, acropoles reaes ;
Cidades que os volcões inda em cinzas sepultam ;
Massiças construcções, que a tempestade insultam ;
A Pyramide, a saxeá Esphinge, o Mausoleu,
Monumentos que, outr'ora, o esforço humano ergueu
Para invadir o Olympo e eternisar a gl'ia ;
Mortas populações de que é sepulchro a Historia

Semi-deuses, heróes, thronos, religiões...
Passa tudo e se esvae... Seculos, estações,
Escoam... Tropicaes caniculas fulgindo
Vão-se; hibernos, chorando, e primaveras, rindo...
Tudo em vórtices vae passando, sem cessar,
Para no grande Nada hiante se atufar...
Porém, como o Passado e o Presente, o Futuro
Ha de vêr sempre aberto o sorvedouro escuro ;
Ruja a Guerra, ou floresça a oliveira da Paz !
'Tudo elle engole, tudo, e nada o satisfaz !
Beba de um sorvo o oceano inteiro ; e, nas entranhas,
Sobreponha depois montanhas a montanhas !
Entulharam-lhe o bojo amplo e descommunal ?
Eil-o afinal saciado ? Eil-o farto, afinal ?
Não! E' como um tonnel danáidico, sem fundo,
Esse medonho cháos voraginoso ! O mundo,
Móle immensa, partindo o eixo em que roda, em vão
Nelle descambará ; não no sacia, não !
Florestas, areaes, ilhas, num só momento
Absorve ; e eil-o inda ao vacuo uivando famulento !
Que resta mais, emfim, para o seu ventre encher ?
Resta o infinito além, vivo, a resplandecer...
Pois bem. Que o desmantéle horrivel cataclysmo !
Rolem constellações ; e encha o insondado abysmo
Esse outro, onde mil sóes palpitam triumphaes !
Nada mais resta...

E o Nada inda appetece mais !

PSYCHE

Seu labio, a tua sede e intenso ardor,
Como a frescura de uma fonte, acalma ;
Venceste-a, amante ; e a porfiosa paima
Colheste, em beijos, no seu labio em flôr.

Deu-te noites ideaes, sob o esplendor
De um céu de nupcias — tenda azul, tão calma,
Tão limpida, tão funda !... E deu-te (O' alma,
Que mais desejas ? !) todo o seu amor !

Elle, o amor, na progenie perpetúa
Essa, em que te incendeias, sacra flamma,
— Bafo immortal dos deuses immortaes.

E essa immortalidade é tua, é tua !...
E essa immortalidade, elle a proclama
Em ti ! O' alma, que desejas mais ? !

IMAGEM DA DOR

Extrahir-te á palheta soberana:
Pôde o pincel de um genio; e de tal arte
Que, imaginando a eterna dor humana,
Quiz, para allivio della, imaginar-te.

E toda a humana dor em ti se sente!
Perpetuamente acorrentada á dor,
Has de chorar, has de perpetuamente
Gemer, na tela do immortal pintor!

E eu sinto, — ao vêr-te os olhos, que illumina
Grossa lagryma ardente, como um astro,
E a ti, mais triste que a infeliz Malvina,
Mais infeliz que a triste Ignez de Castro —

Sinto-te a alma anhelante á luz diffusa
Nos céus, abrir as azas e escapar
Desse carcere estreito, onde reclusa
Soffre, para voar, para voar

E ir pelo azul a fóra, livre... E scismo,
Como um crente, na paz religiosa,
Beatifica paz do mysticismo,
Que só além dos tumulos se gosa...

A paz, que, em vão, buscamos sobre a terra,
Nos céus sorri; e a mesma feral mão,
Que, para sempre, as palpebras nos cerra,
Nos aniquila a dor no coração!

Se, pois, a terra para as maguas tuas
Consolações não tem, ha de o céu tel-as;
Volve os olhos ao céu, volve essas duas
Lacrymosas estrellas ás estrellas...

Parte os fuzis das barbaras cadeias,
Que á dor te ligam! Parte-os, afinal,
E morre!... Ai! nunca! A morte em vão anceias,
Porque o teu creador fez-te immortal!

VANA

Baixa a mim, alma angelica e impolluta !
Traze a meu ermo o sol da primavera,
A agua que o labio secco refrigera,
A urna de aroma e orvalho, e a flôr, e a fructa...

Troca a cerulea, constellada esphera,
Pela, em que habito, solitaria gruta !
Tomba em meu seio ! Eil o a bater... Escuta
O coração ancioso, que te espera !

Vem, mas tal qual, em seu delirio insano,
A alma te sonha, te deseja e sente ;
Mulher, não : ser divino e sobrehumano !

Porém, se acaso assim não és, detem-te !
Não venhas ! Deixa-a nesse doce engano !
Deixa-a a esperar-te em vão, eternamente !

HARMONIAS
DE
UMA NOITE DE VERÃO

de Arthur Azevedo

A NOITE, *a cair*

Poeta ! Ao longe entre as sangrentas pompas
Do crepusculo tomba o sol. Das flôres
Exhala-se a alma em tepidos vapores...
Ouve-se além um sino, soam trompas
De caça, latem cães... Esta sublime
Tristeza funda, indefinida e vaga,
 Que o coração te esmaga,
Todos a sentem, mas ninguém a exprime !
Ninguém, poeta, exprime esta saudade,
 Que o ambiente satura
 E a terra e os céus domina ;
Esta, de fêl mesclada e de doçura,
Melancholia augusta e vespertina,
Que, com a sombra, avulta, cresce, invade
E enche de lucto a natureza inteira...

Esse outro bardo, o sabiá, não trina
Nos galhos da cheirosa laranjeira ;
E, ao silencio e ao torpor cedendo, cerra
O dia os olhos no Occidente absortos ;
 E fuma um negro incenso,
 Que envolve toda a Terra
— Sepultura commum, tumulo immenso,
 Dos vivos e dos mortos...
E eu do throno das nevoas, do cimmério
Solio de ébano, aos pés do qual, na altura,
Toda essa poeira cosmica fulgura,
Vou já descendo ; e, aos poucos, lentamente,
 Arrasto, desdobrada
 Sobre este amplo hemispherio,
A minha solta chlamyde tamanha,
Negra, como o remorso, e a que, sómente,
Da lua crescentigera e chanfrada
A ponta da unha luminosa arranha...

O POETA

Em vão de trevas todo o espaço inundas !
Povôam-no luciferos insectos ;
São terrestres estrellas vagabundas ;
São pequeninas lampadas errantes ;
São, de um rôto collar de fogo, iriantes
Áscuas soltas ; são vividos e inquietos
 Carbunculos alados ;
São accesas saphiras ; são diamantes
Da grinalda dos sóes desgastados...

Basta á minha pupilla
O fanal dessas almas luminosas ;
E eu, nas tuas entranhas tenebrosas,
Como uma sonda, os olhos aprofundo,
— O' tetrica e tranquillã
Noite ! — e sinto em cada atomo invisivel
Latejar novo, ardente e occulto mundo ;
E o idioma confuso,
O hymno sem echo, o hosanna intraduzivel
Do ser, o mais rudimentar, traduzo.
Neste de trevas pavoroso oceano,
Onde o espirito immerso,
Se debate arquejante, escuto, ancioso,
Toda a orchestra das vozes do Universo ;
Desde as dos astros musicas supernas,
Até o psalmo obscuro e mysterioso,
Que escapa, como um monstro diluviano,
Pela estúpida bocca das cavernas . . .

A NOITE

Entre as paredes lóbregas e frias
Do meu carcere bronzeo e negro — furna
De lividos espectros povoada
E pesadelos e visões sombrias —
Tua alma enferma e taciturna
Jaz encerrada.
Em vão anceias, desta escura
Masmorra, anceias, neste instante, em vão,
Vêr a massiça abobada arrombada
Por um trovão ;

Em vão anceias, nesta funda
Lapa, vêr, como a luz da redempção,
Brilhar o fulvo e esplendido montante
De um relampago enorme e rutilante,
Que te illumine as trevas da loucura,
Onde vasqueja, moribunda,
Tua razão !

O POETA

Em vão sobre mim te elevas
E a luz da razão me espancas,
O' noite ! — e minha alma tranças
Neste tumulto de trevas !

Neste tumulto, onde jaz
Meu espirito indeciso,
Brilha ás vezes um sorriso,
Treme um lampejo fugaz ;

E então, do teu antro horrendo
Vão-se os monstros, que produzes ;
Vão-se, uma por uma, as luzes
Da phantasia accendendo ;

E, ás intensas vibrações
Do sol, todo embandeirado,
Fulge, resplende o encantado
Palacio das illusões. . .

Mas dura tudo um momento ;
De novo em trevas me abysmas,
O' noite ! e em mais fundas scismas
Recae o meu pensamento.

Vão-se a esperança e o sorrir,
Vagas deste mar infindo,
Praias de ouro descobrindo,
Que tornam logo a cobrir...

Assim sobre as cinzas corre
Um sopro, e, ephemeramente,
Faisca a braza latente,
Arde, arqueja e, afinal, morre...

UMA BRISA DA NOITE

Se a tua frente a febre escalda,
Vêm refrescal-a minhas azas. Estas
Azas as mesmas são, com que, as florestas
Atravessando, tremula de amor,
Despertar em seu ninho de esmeralda
As flores vou, distribuindo
Um doce beijo a cada flor.
Com estas azas o ar ferindo,
O ar silencioso, rasgo no ar
Uma torrente perfumada,
Onde bilhões de insectos, phosphoreando,
As tenues azas de ouro vêm lavar...
E' meu sopro, que, runcio da alvorada,
Vem refrescar teu cerebro incendiado,

Brando e subtil, como é subtil e brando
O anhelito de um anjo adormecido.

O POETA

Intangível ideal! Cruel desejo
Insaciável! Essa, que além vejo,
 Illusão fugitiva,
Brilha tão longe, tão além, que apenas
O olhar a attinge, e muito mal a attinge;
— Ave encantada, cujas ricas pennas,
Cujas tremulas azas, em cambiantes,
De uma longinqua aurora, a intensa e viva
Luz irisada, acatasola e tinge

 De côres flammejantes...

 Desejo insaciável!

 Inaccessível sonho!

Julgo alcançá-la muitas vezes... Trago-a
Presa na mão; exulto a rir; supponho
Já possuí-la; apalpo-a... e eil-a, que vôa,
E me escapa e me foge... Eil-a impalpável!

 E' como o fluido, ou a água,
Por entre os dedos, que a retêm, se escôa...

UMA ILLUSÃO

Alma jámais contente! Alma de poeta!
Atraz da pluma furtacor, da inquieta
Aza de uma illusão, eis-te a voar...
Extranhos climas e regiões extranhas
Atravessas com ella, afoutamente;

Desces aos valles, ergues-te ás montanhas
E affrontas todos os tumultos do ar...
Alma de poeta ! Alma jámais contente !
Se ella suspende o vôo, o vôo suspendes...
Sobe ella ás nuvens, e eis-te a todo o panno,
Eis te a subir com ella,
Tão alto... Abaixo a referver o oceano
Serras d'agua encapella...
E sobes mais... Com ella ao ninho ascendes
Das estrellas... No sol a fronte abrazas,
Como o condor... Nos raios e nos ventos
Batês as duras e possantes azas,
Rompendo o bojo dos bulções violentos...
Por onde, em summa, ella, inconstante e varia,
Passou, tu sempre, ousada e temeraria,
Seu rastro ardente segues ;
Mas, quando exhausta cáes, ella é já tua :
Pertence-te, apanhaste-a, é tua...

Embora !

Já do encanto, que tinha, a vês tão nua !
Já, de perto, parece differente
Da que vias de longe, essa illusão !
Trás della ias ancioso ; e, alfim, consegues
Tel-a presa na mão... Mas eis, que agora
Já te abhorreces, quando a tens na mão !
Alma de poeta ! Alma jámais contente !
Em vão luctaste, combateste em vão !

O POETA

Cada illusão é como uma esperança
De um bem, que tarda e que, afinal, se alcança,

De um bem, que, um dia, ha de afinal chegar ;
Emquanto este não chega e dura aquella,
Gósa-se mais com ella,
Do que depois, co'o bem, se ha de gosar.

A ESPERANÇA

Vem a meus braços, vem ! Já, sobre o berço d'ouro
De teus sonhos, soltar o perfumado, louro
E fulgido lençol de meus cabellos vim ;
Crava os olhos nos meus ! Que horizontes sem fim
Nelles descobrirás ! Que ábobada infinita,
Onde, plena e perpetua, a Primavera habita !
Que céu de nuvens limpo e amplo, de norte a sul,
Eternamente bello, eternamente azul !

UMA ESTRELLA FUNESTA

Mente a Esperança ! Mente a dadiva illusoria
Do Futuro ! A radiante apparição da Gloria
Mente ! Empós desta, em vão, peregrinando vaes
A agra região da dor ! Longe é o alto ! Jamais
Da Gloria estrepitante a onda espumosa e brava
Virá rojar-te aos pés — branca e submissa escrava ;
Para o diadema real, que sonhas, não produz
Diamantes Bisnagár, nem perolas Ormuz :
Cingirás de irrisão e opprobrio uma corôa.
Tens acaso um amigo ? O amigo te atraiçôa.
A' mulher culto dás ? Desdenha-te a mulher.
Não te será fiel teu proprio cão, sequer.
Bates de porta em porta, e vaes de tenda em tenda,
Em vão ! Nunca acharás uma alma, que te entenda !

Com quem teu negro pão compartas ! que na dor
Seja a tua consocia ! Uma só nivea flor,
Entre as pedras, jamais, brota do teu caminho...
E, andrajos arrastando, irás, rôto e mesquinho,
Pela escura existencia afóra, sem ninguem,
Mudo e fitos no chão os olhos, como quem
Já descrente, afinal, na terra só procura
Um lugar, que lhe seja, ao menos, sepultura ;
Misero e vil, chegando até a receiar
Que isso mesmo, tambem, lhe possa ella negar !...

UMA ALMA COMPASSIVA

Poeta ! Eu te reservo, alma que anceia e soffre,
A mais rara e melhor das joias do meu cofre ;
Crystallisou-a a dor, e o seu vivaz clarão
Enche, como uma aurora, a tua escuridão ;
Brilha mais do que um astro e mais do que um diamante.*
Vou choral-a em teu seio ardente e palpitante ;
Recebe-a ; sinto-a já, tremula a reluzir :
Subiu do coração, dos olhos vae cahir...

MEDITAÇÕES

—
A Moraes Silva

I

O alegre repicar de um sino ; as côres
E as fitas festivaes do baptisado ;
O olhar aberto a um prisma, e derramado
Pelo vergel — amplo cabaz de flôres...
E a espairecer no azul, como a esperança,
A aza da borboleta, que scintilla
Toda iriada ao sol ; e, a perseguil-a,
Fragil mãosinha no ar...

Feliz creança !

II

Segue-se o eterno idyllio : maliciosos
Ademães e um quebrar de olhos, risonho,
Prendendo-o... E, após, o deslizar de um sonho :

— Saudações paranympicas, ruidosos
Festins, galas e luz ; e, pouco a pouco,
O archanjo ideal, que emerge do pudico
E avaro véu ; e, entre cortinas, rico
Thalamo a estremecer...
Mancebo louco !

III

Mas desse altar thuricremo esvahida
Toda a nuvem de incenso é já...

Mais tarde,
O meio-dia da existencia é que arde,
Esplendido, e o combate pela vida ;

O fragoroso oceano, em cujas plagas,
Rôtas em uivos e lamentos, trôam
E, das paixões no embate, se abalrôam,
Despedaçando-se, as humanas vagas...

A ebulição social : miseria e glorias,
Bulhando em turbilhões de lama e de oiro,
Como, no lodo, ou no ar, o fervedouro
Dos vibrões, das vidas infusorias...

Vasta fermentação, que toda a terra,
Desde a medulla até á crosta, agita ;
Do ser mais alto ao infimo, palpita
A vida — estado natural de guerra !

Guerra de instinctos, carniceira e bruta !
E, em qualquer ponto da terraquea esphera,
Onde a familia humana se agglomera
Se reproduz, sem tregua, a mesma lucta!

Lucta antiga e bestial, que (embora á sua
Condição primitiva hoje arrancado)
O homem renova ; e, em cada vario estado,
Perpetuando a especie, perpetúa ! . . .

.....

Lucta ; e vê, sob o jugo atroz da sorte,
Que é forçoso matar, para que viva ;
Pois sempre, aos pés de inexoravel Siva,
O fraco é devorado pelo forte !

Forçoso é que o oppressor jámais se torça
A' justiça e aos clamores do opprimido ;
Quem faz o vencedor, quem o vencido
Faz, és tu sempre, ó lei vital da Força !

De ti, Pallas irrompe armada ; e aos bravos
E's tu quem cerca dessa côrte hedionda ;
— Côro de imprecações e de ais, que estronda . . .
Tinir de algemas de milhões de escravos . . .

Por ti, o homem cruento, nas renhidas
Pugnas, que accende o seu furor eterno,
Desembaíinha, á luz de um sol fraterno,
O aço de mil espadas fraticidas ;

Cobre a bombardarda o céu commum de espessas
Nuvens de enxofre ; a catapulta range ;
Brotam rubros caudaes de cada alfange,
Cérceos, cortando braços e cabeças...

De intrepidos varões tinge as ilhargas
A purpura da guerra flammejante ;
E, sobre o humano açougue, crocitante,
Abre o sinistro corvo as azas largas...

— Cesar, que vence, ou Attila, que assola —
O forte é quem conduz por toda a parte
Teu verbo atroador ; e esse estandarte,
Vermelho e ebrio de fumo, desenrola...

E é teu gladio mortifero, que gyra
No ar, em torno a extender rubra hecatombe ;
Qual foge ; qual resiste, até que tombe ;
Qual tomba ; qual, mordendo o solo, expira...

Deixam-se uns esmagar ; outros resvalam
No chão, beijando as plantas, que os sopeiam...
E nunca em pulsos, que os grilhões roxeiam,
Os teus grilhões estridulos estalam !

Lei cruel ! Dura lei ! Quem, sobrehumano,
Teus artigos de ferro e fogo infringe ? !
Carpem-se, em vão, na tua garra, esphinge,
A orphandade e a viuvez !... Jugo tyranno !

Sobre os homens de mais pésa esse jugo !
Na Lybia inhospita, entre feras, ha de
Haver, por certo, mais fraternidade . . .
A fera é — carniçal, o homem — verdugo !

Succede, a um despotismo antigo, um novo
Despotismo, e em teu aço crú se espelha ;
E's a rasão do lobo contra a ovelha,
E's a rasão de um rei contra o seu povo.

Porque se bate um povo, arca por arca,
Se ha de soffrer, no fim do arduo litigio,
Em prol de um regio estemma, ou gorro phrygio,
O bastão de um caudilho, ou de um monarcha ? !

Em vão ostentam as legiões sagradas
A insignia da egualdade nas bandeiras ;
E estas em vão radiam, sobranceiras
Como falcões, aos ventos desfraldadas . . .

Em vão te arrojas, povo, em mós immensas,
No estridor das batalhas sanguinario . . .
Bemdicto o pó da arena egualitario !
Antes morras beijando-o, do que venças !

Glorias, timbres . . . Que fructos colhe a raça
Abjecta de mastins a que pertences ?
Bates-te em vão ! Se, por ventura, vences,
Colhe-os o rei, que vaé contigo á caça !

Elle te leva á trélla ; e, na partilha,
Deixar-lhe os tres quinhões primeiros deves,
Mas a tocar no quarto nem te atreves...
Elle é — o caçador ; tu — a matilha.

O rei, na paz, a um ocio torpe e ignavo
Volve ; mas tu, a um labutar mais rudo.
Tu, povo, em cujo nome se faz tudo,
Has de ser sempre o mesmo vil escravo !

Quando os corpos na liça apodrecidos,
O ar infectando de lethaes vapores,
Negro contagio, sobre os vencedores,
Sopram, como a vingança dos vencidos,

E a falcifera Peste assombra, fere,
Prostra e os campos sem luz de mortos junca ;
Entre as choupanas e os palacios, nunca
Ella os palacios visitar prefere.

A Peste e a Fome — pompa atroz da Guerra !
Para o ilota, que a lavra, noite e dia,
Nem um fructo, ou raiz, ou bulbo cria
No bruno seio empedernido a terra !

Valente raça obscura de Spartacus,
Um rei, como em cadaveres o abutre,
Em tua escravidão se ceva e nutre,
E faz de ti uma nação de fracos !

.....

Força! E inda és tu, que injusto cunho imprimes
A este mundano choque de interesses ;
A esta vegetação de almas refeces
E negras — brenhas de traições e crimes !

Almas ? — Assim o orgulho humano chama
A taes fócios de instinctos vis ! Devora
O tigre a prêa ; o tigre é forte, e, embora
Iniquamente, a sociedade o acclama !

Reproduzem-se aqui as mesmas scenas
Da barbara tragedia, prisca e infinda ;
Aqui, porém, com mór baixeza ainda !
Sociedade de lobos e de hyenas !

.....

Seduzem-no tambem da gloria os brilhos ;
E a sacra fome de ouro — egoismo immundo —
Dá-lhe unhas de milhafre para o mundo,
Bico de pelicano para os filhos.

E o gladio a erguer, que arrasa e que depreda,
E o olhar, que ante a ignominia não desmaia,
Lucta ! E é forçoso que a luctar não caia,
Pois se cahir o esmagarão na quéda.

Depois... é tudo pranto e dôr na incerta
Rota de sangue, que seguindo veio :
Uma lança partida em cada seio,
Em cada seio uma ferida aberta...

E em cada seio vê, combusto e infando,
— Brazeiro que do inferno um sopro atija —
A inveja, a hypocrisia, o odio, a cubiça,
Mordendo-se, estorcendo-se, estourando...

A sociedade ao seu golphão o arrasta,
E elle de perto a vê : — proterva e estulta,
A Themis vende, á Castidade insulta,
E é dos iniquos — mãe, dos bons — madrasta ;

Eleva a dogma o preconceito futil,
— Lucivéu da razão, que a ennoita e cega — ;
E ao rabbi simples, que a egualdade prega,
Rasga e enlameia a tunica inconsutil ;

Calca a Virtude ; e, em seus ovantes carros,
O Vicio triumphal expõe... Tudo isto
Vê derredor fervendo — extranho mixto
De vasa e estrellas, perolas e escarros...

Mixto de pompas e farraparias,
Purpura e andrajos, num contraste injusto,
Desde Suburra ao Capitolio augusto,
E desde o Pantheon ás Gemonias...

Junctos do solio e da opulencia opima,
Mil párias disputando aos cães um osso ;
Por toda a parte, um pé sobre o pescoço
De um ser mais fraco, sempre, abaixo e acima !

De cima abaixo lavra, sem remedio,
A lepra, a corrupção !... E elle já sente
A florescer, grassando-o intimamente,
Desse pantano á beira, um fundo tédio,

Esgalracho tenaz, cujas raizes
O minam todo !

E eis já, cruel desgosto !
Espelhadas, nas rugas do seu rosto,
De sua alma ferida as cicatrizes !

As tempestades, que por elle passam,
As illusões mais pulchras lhe afugentam ;
Seu cingulo de auroras arrebetam ;
Sua c'rôa de estrellas despedaçam.

Já, a um passado não remoto, os olhos
Tristes voltando vae... Assim, tremendo,
Contempla escapo naufrago o estupendo
Rôlo do mar, que ferve entre os escolhos,

E, em fról quebrando, a espumea rêde alarga
Por dilatado areal... O' Gloria ! Em summa
Que és mais, que pó, vapor, fumaça e espuma ?
O' sciencia do viver, como és amarga !

Emigra o riso — esse hóspede constante
Da sua bocca — como o passarinho,
Que, abandonando o profanado ninho,
Vae fazer outro ninho mais distante...

Teu fructo, ó sciencia, é que enche essa amargosa
Sceptica bocca! E pende-lhe do labio,
Como do de Carnéades, o sabio,
Crúa, typica préga desdenhosa!

Cerrado o peito, outr'ora aberto e franco,
Um dia, entre os cabellos, vê, com magua,
Um branco fio... E os olhos lhe enches de agua
Primeiro fio de cabello branco!...

IV

Eil-o hoje, emfim, ao toque das trindades,
A benzer-se e a chorar, de cans coberto.
São remorsos? Talvez. Mas são de certo,
De certo são, tambem, mortaes saudades...

Dubias, errantes sombras vespertinas,
Presagios máus, de que sua alma é cheia,
Melancholisam tudo que o rodeia...
— Crepusculo a pairar sobre as ruinas!

E a noite e o inverno vêm! Aquella em breve,
Do sol apaga e esfria a ultima lava;
E este, nos flancos da montanha, crava
A fina espada rigida da neve!

O inverno e a noite vêm ! Tristonho e mudo,
Do ermo tugurio eil-o sentado á porta ;
Seus filhos mortos são, e a esposa é morta...
Pobre velhinho ! Como passa tudo !

Nem uma folha, uma corolla, um ninho,
Nos bosques ! Nem nos céus uma só aza !
E as andorinhas a mudar de casa...
E elle tão só ! tão só !...

Pobre velhinho !

LUBRICUS ANGUIS

Quando a mulher perdeu a deleitosa
Paz e os jardins da habitação primeva,
Chata a cabeça inda não tinha — a seva
Serpente, que seus pés silva raivosa;

Mas a lingua trisulca, que, na treva,
Fallaz vibra, é a mesma venenosa
Lingua, que, á luz purissima e radiosa
Do Paraiso, outr'ora, enganou Eva...

Bemdicta a planta da Mulher, que a esmaga!
Bemdicta! A este vil monstro, de ora avante,
Ninguem mais, sobre a terra, desconheça!

E elle a marca indelevel sempre traga
Do rijo calcanhar firme e possante,
Que lhe achatou, impávido, a cabeça!

NÚA E CRÚA

Doure a Poesia a escura realidade
E a mim a encubra! Um visionario ardente
Quiz vel-a núa um dia; e, ousadamente,
Do aureo manto despoja a divindade;

O estemma da perpetua mocidade
Tira-lhe e as galas; e eil-a, de repente,
Inteiramente núa e inteiramente
Crúa, como a Verdade! E era a Verdade!

Fita-a, em seguida, e attonito recúa...
— O' Musa! exclama então, maguado e triste,
Traja de novo a louçainha tua!

Veste, outra vez, as roupas que despiste!
Que olhar se apraz em ver-te assim tão núa?...
A' nudez da Verdade quem resiste?!

LG

DESILLUDIDO

Tantos livros calcando aos pés, de tanto estudo
Ao inutil afan hei de pôr termo, emfim ;
E, abandonando a sciencia e abandonando tudo,
Voltar um dia ao berço obscuro d'onde vim.

Serei então como esse ousado navegante
Que a volta ao globo dar, primeiro, conseguiu ;
E, annos muitos após, logrou vêr, soluçante,
As longes plagas d'onde, afouto, se partiu.

E, terminada assim a minha lida insana,
Hei de afinal revêr, cançado e velho já,
Essa aldeia feliz, onde a humilde cabana,
Que na infancia habitei, ao desamparo está ;

Onde, na vasta paz dos campos, a seara
Fulva e madura esplende ; e, espadanada ao sol,
Rola e espuma cantando a agua batida e clara ;
E, no balseiro em flôr, suspira o rouxinol. . .

E tentarei colher as illusões formosas,
Que hoje vou desparzindo á procella, ao tufão,
E que, naquelles céus e climas d'ouro e rosas,
Aves tontas de luz, batendo as azas vão. . .

Mas verei, com pezar e com remorso infindo,
Esquecidos de mim os sitios que esqueci ;
E uma voz ouvirei, das arvores sahindo :
—«Quem és tu ? D'onde vens ? Que vens buscar aqui ?

«Longas noites velando, a juventude, ó Fausto !
Desgastaste na sciencia esteril ; e as manhans
Já te não levam seiva ao coração exausto,
Nem te desc'rôam mais da neve dessas cans !

«Porque foste, com mãos profanas, tantas lousas,
Ultrajando o pudor da morte, levantar ?
Porque quizeste, enfim, para todas as cousas,
Não como poeta já, mas como sabio, olhar ?

«Pois has de, como outr'ora, espirito doente,
Num tumulto chorar e ante um berço sorrir ?
Como poupar o ninho e esmagar a serpente,
Se todo o ser da mesma entranha vês sahir ?. . .

«Se a mãe que, deseguaes, os géra é sempre a mesma,
Que os ceifa, e torna o bello á hediondez igual,
E em si tudo confunde : a mariposa, a lesma,
A toutinegra, o açôr, a antilope, o chacal?...»

«Como ha de a natureza, o seio mysterioso
Que palpaste, encobrir-te aos olhos outra vez ?
Como ha de essa, de quem tu te fizeste esposo,
Correr, pudica, um véu sobre a sua nudez ?

«Falta-te a crença que é, para uma alma sombria,
Como o ar para o som, como a luz para a côr!...
Nem um vislumbre tens dessa ingenua alegria,
Que é, na bocca—o sorriso, e que é, no ramo—a flôr!

«Fausto ! Que vens buscar aqui, sceptico e triste ?
Suffocaste no seio o amor ; que resta mais ?
Na eschola onde, um por um, os sonhos consumiste,
Entraste vivo out'ora e hoje cadaver sahes !

«E's um morto ! Como ha de a loura Margarida
Teus labios ao calor dos beijos aquecer ?
Perdendo as illusões, tambem perdêste a vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver !

FETICHISMO

Homem, da vida as sombras inclementes
Interrogas em vão : — Que céus habita
Deus ? Onde essa região de luz benedicta,
Paraiso dos justos e dos crentes ? . . .

Em vão tacteam tuas mãos trementes
As entranhas da noite erma, infinita,
Onde a duvida atroz blasphema e grita,
E onde ha só queixas e ranger de dentes . . .

A essa abobada escura, em vão elevas
Os braços para o Deus sonhado, e luctas
Por abarcal-o ; é tudo em torno trevas . . .

Somente o vacuo estreitas em teus braços ;
E apenas, pávido, um ruido escutas,
Que é o ruido dos teus proprios passos ! . . .

DEUS IMPASSIVEL

Raça de Ahasvérus, a arquejar convulsa,
Rostida pelo açoute da desgraça,
Rôta, sangrenta e exul, maldicta raça,
Que errante vaes, de plaga em plaga expulsa ;

Como tu, sobre quem, povo execrando,
Duro anathema pésa, a Humanidade
Vae a herança da dôr, de edade a edade
E gerações a gerações, levando...

Mas de que serve, á eterna padecente,
Que, as mãos torcendo, anhele, exóre e lucte ;
E, emfim, porque ninguem na terra a escute,
No céu, para escutal-a, um deus invente ?!

De que lhe serve, desolada e triste,
Que o fumo das blasphemias, de mixtura
Com o odor da oração, ascenda á altura,
Onde esse deus, que ella inventou, existe ? !

De que serve, por seculos a fóra,
Clamares tu, se num deserto clamas ?
Se o deus, que ouvia, entre o sarçal em flammas,
O clamor de Israel, é surdo agora ? !

De que serve, se é surdo ? ! De que serve,
Se não póde auscultar, dessa maneira,
Teu coração, que — horrivel cachoeira
De soluços e lagrymas — reserve ? ! . . .

Em vão esperas : nutres a esperança
De um impossivel — esperança louca !
Ou desesperas ; ou te afflue á bocca,
Na azia do odio, a bava da vingança !

Teu pranto ha de estancar, em vão ! Teu grito
Sem echo ha de morrer ! . . .

Ah ! mudo e immoto,
Acima, além, do ethereo azul ignoto,
Do esparavel dos astros infinito,

Onde a arvore dos sóes longinqua abrolha,
— Sem que um só guai por seus ouvidos passe,
Nem a mais leve contracção na face
De algente marmore —

O Impassivel olha !

VÆ VICTIS!

Homem ! Ao torvo Deus, que ha derribado
Do humano orgulho as torres de Babel ;
— Deus, que nos crêa para a dôr, cruel ;
— Deus, que nos crêa e que não foi creado . . .

Em vão blasphemias, espremendo, irado,
A alma — esponja de lagrymas e fel — ;
Deus dorme, surdo á nossa voz rebel,
Nos fumos do holocausto embriagado.

E hão de ir-se os orbes, como náus, a pique ;
E, do Orco extremo na horrida caverna,
Ha de a raiva espumar, morder-se a dôr !

Dôr é tudo ; e nada ha, que justifique
Essa revolta universal, eterna,
Da creatura contra o creador !

DIALOGOS

JEAN RAMEAU

I

— Eu sou a Terra. E tu ?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa !

Larga o arado brutal, que a face me arregôa !
Não mais venha, ó forçado eterno, a labutar,
Teu duro alvião de ferro os flancos meus rasgar !
Não mais me esfole a enxada e a charrúa o espinhaço !
Deixa-me, inculta embora e esteril, ao mormaço,
A' canicula, ao sol, dormir ! Homem, perdão !
Cessa de revolver minhas entranhas ! . . .

-- Não !

*
* *

— Eu sou o Trigo. E tu ?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa !

Pelos campos sem fim, que a seara povôa,
 Sopram rijos agora os ventos estivaes ;
 Meus gonfalões de seda oscillam, triumphaes.
 Que eu, nesse flavo oceano, indolente balouce !
 Suspende, segador cruel, a tua fouce !
 Tira-a de sobre mim ! Detem-te, Homem ! Perdão !
 Deixa-me livre ondear por esses campos !...
 — Não !

* * *

— Eu sou a Pedra. E tu ?
 — Eu sou o Homem.
 — Perdôa !

Que a minha dura sorte ao menos te condôa !
 Muralhas e torreões tentas commigo erguer ;
 E a Terra, mãe piedosa, em vão, p'ra me esconder,
 Tem largo coração e tem entranhas largas !
 Minam-me a picareta e a polvora as ilhargas !
 Este supplicio atroz suspende, Homem ! Perdão !
 Deixa que, inérte, eu durma a somno solto !...
 — Não !

* * *

— Eu sou o Ferro. E tu ?
 — Eu sou o Homem.
 — Perdôa !

Teu martello a bater nas bigornas rebôa ;
 Torço-me, ranjo, estalo e espirro áscuas subtis,
 Particulas de fogo, ephemeros fuzis...
 Diabolico Vulcano ! aos golpes dô teu malho,
 São como um rubro Inferno as forjas do Trabalho.

Porque me pões em braza e me amolgas? Perdão!
 Não me tortures mais! Deixa-me em calma!...

— Não!

II

— Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou a Terra.

— O' Terra!

Pois nem um grão sequer teio seio arido encerra?

Que é do que semeiei na quadra germinal?

Cahiú toda a semente, acaso, em sáfio areal?

Sob o infecundo sol, a inopia te consome;

Como um lobo cerval, vem devorar-me a Fome;

De ti, brotam sómente espinhos... Dá-me o pão!

Dá-me o alimento! Dá-me o que me falta!...

— Não!



Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou o Trigo!

— Césse

A minha voraz Fome ante uma farta mésse!

Trigo, que eu semeiei, apieda-te de mim!

Arrebenta, verdeja e amadurece, enfim!

E, ás brisas estivaes, Trigo esplendido e louro,

Movam-se os teus pendões — fluctuoso oceano de ouro!

Hei suado por ti bagas de sangue em vão?

Locupleta, abastece os meus celleiros!...

— Não!



— Eu sou o Homem. E tu ?

— Homem, eu sou a Pedra !

— Roubei ! Matei ! Em mim, hoje, o remorso medra !

O crime me arrojou nesta masmorra ; aqui

Nem um raio de sol, entre as grades, sorri ;

Nem um murmur alegre, um pio d'ave eu ouço...

Antes a morte, que este horrivel calabouço !

O' Pedra ! sobre mim, nesta desolação,

Tomba, despenha, alúe, desmorona-te !...

— Não !



— Eu sou o Homem. E tu ?

— Eu sou o Ferro.

— A vida

Porque arrancar me vens, cruel Ferro homicida ?

Vingas-te ! Já o algoz tremendo me conduz

Ao cadafalso ; e horror ! já sobre mim reluz

O aço triangular dá guilhotina ! Acima

Pende a morte ! O fatal instante se aproxima !

Ferro sanguisedento e atroz ! Perdão ! Perdão !

Pára um segundo ! Escuta ! Attende ! Espera !...

— Não !

GREEN SPOT

Da atroz Verdade o incendio não devasta
Teus solios de ambar e esmeralda, e a immensa
Paizagem de ouro e carmezim, suspensa
No horizonte, que, além, foge e se afasta...

Do supremo repouso a hora nefasta
Soou. A treva impenetravel, densa,
Cresce em torno; e enche a noite da descrença
A amplidão do deserto adusta e vasta...

Seja esta embora a noite derradeira;
A' caravana tropega e cançada
Inda sorris, ao longe, aurea e fagueira;

E ella inda, ao longe, vê, feita a jornada,
Sorrir-lhe o verde oasis, a palmeira,
O fio de agua e a sombra suspirada...

HYMNO A COLERA

A Silva Jardim

Execro a Inveja. Contra mim, que importa,
Que imprecações, o monstro abominando,
Vesgo e toucado de aspides, exhale ? !
Amo o Amor ; mas o Amor, louco, transporta.
Os bravos, e põe Hercules fiando,
De roca e fuso armado, aos pés de Omphale.

Amo a Bondade ideal, lhana e sincera :
Cabe em seu coração, de indultos cheio,
Toda a grandeza de um colosso rhódio.
Odeio o Odio, que n'alma se invetera,
Cancro incuravel ; e o Rancor odeio,
Pois não é mais, que a vil placenta do Odio !

Não ! A Colera, a Colera é, que eu canto !
Seu brado acorda os echos estridentes,
E aturde, rouco, rebombando, os ares !

Seu halito respira a morte e o espanto !
E ella é que aos temporaes quebra as correntes,
Desencadeia e encarapella os mares !

A Colera immortal, grega, ou troyana,
Na alma do invicto heróe possesso della,
Achilles, ou Heitor, ousó cantal-a ;
Canto a indomita Colera, que, insana,
Escancarando dos volcões a guela,
Com linguas mil de fogo o Olympo escala !

Canto o heróe ebrio della, quando atrôa
O clangor da batalha, o horror tressúa,
E o seu márcio ginete, arfando, rincha . . .
E, envolta em nimbus flammejantes, vôa,
Torva, a Colera ; a Colera, que estúa,
O olhar accende e as cordoveias incha !

Eil-o, o heróe, cujo punho a ira sagrada
Armou, para vencer a aguia, que a entranha
De Prometheu, no Caucaso, devora ;
O heróe, que a um golpe da fulminea espada,
Rasga um Nilo de luz, que o mundo banha
Nas fulvas ondas de uma nova aurora !

Eil-o ! E' mais bello, que os heróes de Homero !
A vertigem do sangue, atroz, lhe adorna
De reflexos de purpura o semblante !
Qual ruivo athleta, desgrenhado e féro,
Combate ; e a Colera immortal o torna
Aos archanjos e aos deuses semelhante !

Ruja a seus pés mais de um Titan cahido !
E em seu guante ferrenho, estrangulado,
Mais de um se estorça, moribundo e exangue !
Combata ! Vença ! E, se tombar vencido,
Tombe, como Saul, amortalhado
Na tunica real do proprio sangue !

Vença ! Da Gloria ao sol, surta radiosa
Essa, cujo esplendor o offusea e cega,
Colera horrenda, embriaguez divina !
E se, a armadura de aço victoriosa,
Se lhe fender na turbida refrega,
Partindo-se-lhe a espada colubrina ;

Desça elle, então, sem que ao pavor succumba,
De Gibel pela hiante e funda gorja,
Té onde a luz meridiana arfa em desmaios ;
Onde o malho cyclopico retumba,
E Brontes, monstruoso e acceso, forja
Os alfanges dos deuses, que são raios !

À SOMBRA DA MORTE

A Affonso Celso Junior

Nas vascas da agonia um moço chora :
« — Com que sarcasmo, ó natureza, extendes
Profusa luz, em torno a mim, agora !
Amor, porque me enleias em teus braços ?
Porque, se a vida é curta, a ella me prendes
Esta alma, ainda, com tão fortes laços ? ! »

Cheio de annos e cans, findo o combate
Da vida quasi finda,
Tambem um velho em ancias se debate :
« — O' céus ! — depréca num soluço rouco —
Luctei assás ; deixai-me, vivo ainda,
Antes da morte, repousar um pouco !

Um a lucta começa,
Outro remata a lucta . . . Certamente,
Tanto a velhice tremula, como essa

Fogosa juventude ardua e insoffrida,
O que deplora e sente,
Não é morrer, porém . . . deixar a Vida.

E a Morte, ao pé do leito, assim lhes falla . . .
(Sua voz sepulchral, ninguém a escuta ;
Podem só moribundos escutal-a.)
Falla a cada um : — «Não temas tu, em meio
A lucta, ou pós a lucta,
A enorme paz do meu enorme seio !

«Paixão, Remorso, ou Sonho, ou Pesadelo,
Não sou. Não sou o espectro, que, ominoso,
Toca o insomne Macbeth com mãos de gelo ;
Não sou o espectro lóbrego e sangrento,
Que, á noite, assombra o olhar do criminoso,
E véla á cabeceira do avarento !

«Nem a visão, que, entre jasmins e rosas,
Em niveo thoro, ambigua, aerea e vaga
Inflamma as almas noivas e amorosas ;
E, entre os mil beijos da Volupia, gera
Um martyrio — no odor, que as embriaga,
Um tormento — no espinho, que as lacera !

«O coração, que espera o bem, e cança
De esperal-o, meu halito adormece-o,
E, com elle, su'ultima esperanza ;
Quer a lucta comeces, quer a acabes,
Ancião, ou joven, Socrates, ou nescio,
Tu, que és amante, ou tu, que amar não sabes,

«Mortal, emfim ; no encalço da ventura,
O basilisco fabuloso, a arcana
Pedra philosophal busca, procura !
Mas não tentes achar, da mesma sorte,
O homem, que, avesso á minha lei tyranna,
Conseguiu repousar antes da morte !»

Odio e Amor. Eis as duas sentinellas
Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
A alma povoada de illusões singellas,
Morre ! — dizia-me a primeira d'ellas ;
Mas a segunda me dizia : — Vive !

Hoje estão ambas mudas. Ah ! Se, um dia,
Não me corresse as veias, como corre,
Sangue honrado, mas lama e cobardia ;
Vive ! — O Odio, então, com jubilo diria ;
E o Amor a soluçar diria : — Morre !

ONDAS...

Ilha de atrozes degredos !
Cinge um muro de rochedos
Seus flancos. Grosso, a espumar,
Contra a dura penedia,
Bate, arrebenta, assobia,
Retumba, estrondeia o mar.

Em circuito, o Horror impera ;
No centro, abrindo a cratera
Flagrante, arroja um volcão
Igneia blasphemia ás alturas...
E, nas invias espessuras,
Brame o tigre, urra o leão.

Aqui chora, aqui, proscripta,
Clama e desespera afflicta
A alma, de si mesma algoz,

Buscando, na immensa plaga,
Entre mil vagas, a vaga,
Que neste exilio a depoz.

Se a vida a prende á materia,
Fóra desta, a alma, siderea,
Radia em pleno candor ;
O corpo, escravo dos vicios,
E' que teme os precipicios,
Que este mar cava em redor.

No azul eterno ella busca,
No azul, cujo brilho a offusca,
Pairar, incendiada ao sol,
Despindo a crusta vil, onde
Se esconde, como se esconde
A lesma em seu caracol.

Contempla o infinito... Um bando
De gerifaltos voando
Passou, desapareceu
No ether azul, na agua verde...
E onde esse bando se perde,
Seu longo olhar se perdeu...

Contempla o mar, silenciosa :
Ora mansa, ora raivosa,
Váe e vem a onda minaz,
E, entre as pontas do arrecife,
A's vezes leva um esquite,
A's vezes um berço traz.

Contempla, de olhos maguados,
Tudo... Muitos degradados
Findo o seu degredo têm ;
Vão-se na onda intumescida
Da Morte ; mas, na da Vida,
Novos degradados vêm.

O' alma contemplativa !
Vem já, decumana e altiva,
Entre essas ondas, talvez,
A que, no supremo esforço
Da Morte, em seu frio dorso,
Te leve ao largo, outra vez.

Quanto esplendor ! São aquellas
As regiões de luz, que anelas.
Rompe os rigidos grilhões,
Com que á Carne te agrilhôa
O instincto vital ! E vôa,
E vôa áquellas regiões !...

AMOR CREADOR

—

Coração, que és do amor o docil instrumento,
Rende-te, coração ; rende-te ao seu poder ;
Homem, vem, neste ameno oasis, suarento
E exausto, adormecer !

Enche um seculo a dor, e o goso um só momento ;
Existir é soffrer ;
Para que, em tua especie, a vida, o soffrimento,
Dure eterno, has de amar. Ama, inditoso ser !

Todo o instincto a essa lei tyrannica é sujeito.
O amor, contens-no em vão em teu ambito estreito,
Alma. E' forçoso amar,

Para que existas sempre, ó alma dolorida !
Forçoso é, pelo amor, perpetuando a vida,
A dor perpetuar !

AMEN!

— — —
A Filinto d'Almeida

Genios do bem ; fadas, que os tristes
Vagidos — seus primeiros ais —
Juncto a seu berço, um dia ouvistes ;
Fadas, que o berço lhe embalais !

Vaticinae-lhe aurea e risonha
Vida, risonho e aureo porvir ;
O infante dorme, o infante sonha,
E acorda placido a sorrir . . .

Sobre os docéis do ninho de ouro,
Que bem fadaes, alados, vêm
Mil seraphins, cantando, em côro,
Dizer, ouvindo-vos :

— Amen !

E a voz, que, hymnifera, o abençoã,
A voz dos anjos a cantar,
Alto, porém, tão alto sôa,
Que, enchendo a terra e os céus e o mar,

Váe té ao Barathro, aos infernos,
E assanha a Inveja e assopra o horror
Dos igneos vórtices eternos,
Do eterno Repto o rancor...

Tartareas boccas, que o maldigam,
Heis de então vêr; vereis, tambem,
Demonios mil, que, ouvindo-as, digam,
Uivando, em côro:

— Amen! Amen!

BALSAMO NOS PRANTOS

Chora. Uma grande dôr te punja e córte
E de prantos te inunde a face austera,
Já que uma dôr pequena prantos gera
Na alma de um fraco, só, por que a suporte.

Certo, não torce um coração, que é forte,
A dôr, que um fragil coração torcera ;
Peitos de bronze, não ; peitos de cera
E' que a dôr amollece desta sorte.

Prantos, balsamo e allivio de quem chora,
Sejam fructos do amor, ou sejam fructos
Do odio, bem haja a dôr, que os faz chorar !

Bem haja a dôr, que pôde, emfim, agora,
Na aridez desses olhos sempre enxutos,
Duas fontes de lagrymas rasgar.

HOROSCOPO

Tu baterás da Gloria á porta que scintilla ;
E, em vez della, ha de vir o Vilipendio abril-a
— Sem uma estrella só, errática, a tremer
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater
A' porta do palacio, onde a Razão fulgura ;
E a Razão não virá abrir, mas a Loucura !
— A' porta baterás da Virtude ; e ha de vir
Co' uma gazúa o Crime a sacra porta abrir !
— Do Olvido á porta irás bater... Mas sobre o Crime
Não dormirás ! O atroz Remorso, que suprime
O somno ao criminoso, ha de a essa porta estar !
— Desanimado já, depois de, sem cessar,
A tanta porta, em vão, bateres desta sorte,
Baterás á da Morte, emfim...

Bem haja a Morte,
Que a não deixou de abrir, jámais, a um coração
Cançado de bater e de esperar em vão !

ULTIMO PORTO

—

Este o paiz ideal, que em sonhos douro ;
Aqui o estro das aves me arrebatá,
E em flôres, cachos e festões, desata
A Natureza o virginal thesouro ;

Aqui, perpetuo dia ardente e louro
Fulgura ; e, na torrente e na cascata,
A agua alardea toda a sua prata,
E os laranjaes e o sol todo o seu ouro...

Aqui, de rosas e de luz tecida,
Leve mortalha envolva estes destroços
Do extincto amor, que inda me pesam tanto ;

E a terra, a mãe commum, no fim da vida,
Para a nudeza me cobrir dos ossos,
Rasgue alguns palmos do seu verde manto.

LODO E ESTRELLAS

Neste Caspio sem marulhos,
Sem macaréos, quieto, quieto,
Em vão brota o lodo infecto
Só venenosos tortulhos ;

E despovôa os casebres
Vizinhos, lançando aos ventos
Os miasmas pestilentos
Do carbunculo e das febres ;

Em vão sobre elle bafeja
A peste, e, na superficie,
Boia a nata da immundicie
E zumbe a mosca-vareja ;

Ferve o enxame dos immundos
Vibriões, filhos da lama,
— Deliciosissima cama
Dos farroupas nauseabundos—

Pelas margens e por cima
Torpes batracios, coaxando,
Sobre o charco pulam, quando
Acaso alguém se aproxima...

Em vão ; que Deus não esquece
As cousas mais vis ; portanto,
Sobre esse putrido manto
Batendo, o sol resplandece.

Nelle os olhos azues cravam
As estrellas vacillantes,
Que em aguas taes repugnantes,
Sem repugnancia se lavam ;

E tambem nelle se banha,
Em horas mortas, a lua,
Como a Willis toda nua
Das legendas da Allemanha.

Nem sempre elle espelha a peste,
Que ás vezes nelle os fulgores
Dos iris e as sete cores
Se estampam do arco celeste.

Deus vértete a flamma siderea
Na escura e tabida vasa,
E a entranha infecunda abrasa
Da podridão deleteria !

Dá-lhe a luz, sem convertel-a
Na luz ; pois jámais de todo
Deixa o lodo de ser lodo,
E a estrella de ser estrella !

Mas basta a luz nelle accesa,
P'ra que o barro vil reflecta
Daquella flamma infinita
Toda a infinita grandesa.

Voltaire, dando com o pé numa caveira, ria...

(GOMES LEAL.)

Juncto a esta cruz os ossos dum asceta
Jazem... Do claustro as frias solidões
Amou, e, em vez da truculenta e inquieta
Vida, a paz, o cilicio e as orações ;

E do mundo, afogando toda a abjecta
Concupiscencia e todas as paixões,
Illeso emfim sahiu, como o propheta
Daniel, da caverna dos leões.

Hoje no eterno céu, mysticamente,
Gosa a face do Altissimo... E' somente
Depois da morte, que se faz a luz.

A cruz é da Verdade o emblema sancto...
Mas... se assim é, de que se ri, no emtanto,
Esta caveira immunda aos pés da cruz?...

Nada ! Esta só palavra em si resume tudo :
Sciencia diffusa em mil papyros e alfarrabios ;
Obras de que é a traça o bibliognosta mudo,
E onde se expande á larga a estupidez dos sabios . . .

Tentam estes domar o pensamento e os raios,
Dar um roteiro aos sóes na esphera illimitada . . .
Basta ! Tudo isso jaz em livros mil . . . Queimai-os !
Que resta após ?

Papel queimado . . .

Cinzas . . .

Nada !



NOTA

Este livro é composto em sua maior parte de poesias tiradas de outros livros do auctor: «Symphonias», «Versos e Versões» e «Alleluias».

Das poesias de data mais recente, ineditas ainda, as poucas, que o auctor tinha aqui ao seu alcance, ou conseguiu obter de prompto, não chegariam para um novo livro, e por isso resolveu elle inseril-as logo neste. São as de paginas 12, 67, 86, 89 e 94.

Daquelles tres livros o que menor contingente fornece á presente collecção é justamente o primeiro «Symphonias»: — versos escriptos pelo auctor aos vinte annos, quando estudante em S. Paulo, e nos quaes é bem sensivel a influencia dos poetas estrangeiros então mais em voga alli, de V. Hugo, de Th. Gautier e sobretudo dos *parnasianos* francezes, de que era o auctor um sincero e fervente entusiasta.

Mas o certo é que esse livro das «Symphonias», quando o auctor o publicou (isto ha 15 annos já) foi acolhido pela imprensa, no Brasil e em Portugal mesmo, com largas mostras de inequivoca sympathia e palavras de animação bastante lisongeiras para o auctor. Ainda lhe é muito grato, a este, relembrar que alguns dos honrosos elogios, que por essa occasião recebeu, eram firmados por nomes illustres de escriptores dentre os mais eminentes dos dois paizes-irmãos: Pinheiro Chagas, Gervasio Lobato e Teixeira Bastos, em Portugal, e, no Brasil, Machado de Assis, Joaquim Serra, Valentim Magalhães, Filinto de Almeida, Aluizio Azevedo e Adelino Fontoura. Nenhum dos outros dois livros, emfim, que o auctor veiu a publicar mais tarde, posto que se julgasse revelarem da parte deste algum progresso e mais independencia, logrou exito igual ao daquelle primeiro livro.

Das «Symphonias» passam sómente para esta collecção algumas das poesias que a critica distinguuiu e reputou melhores: As Pombas e Mal Secreto (dois sonetos que parecem ter pelo menos a ventura de ser os mais conhecidos), *A Chegada, Anoitecer, Plena Nudez, A Cavalgada, Contmúa, Vulnus, Beijo Posthumo e Vinho de Hebe*, cumprindo ao auctor notar aqui, com relação a este ultimo soneto apenas, que a idéa contida nelle lhe foi mais directamente suggerida por uns bellos alexandrinos de M.^{me} de Ackermann (Poésies Philosophiques), dos quaes entretanto o mesmo soneto não é traducção, nem paraphrase.

As demais poesias e portanto a maior parte das

que se veem nesta collecção foram tiradas dos outros dois livros do auctor: «Versos e Versões» e «Alleluias». O auctor não quiz ser o unico responsavel pela escolha feita; mas, como em tudo ha sempre o que corrigir e o que nem sempre ha são occasiões para isso, entendeu elle não perder a que se lhe proporcionou agora para retocar algumas poesias, dentre as preferidas mesmo, fazendo-lhes as alterações, pequenas embora, que julgou mais necessarias.

Nas condições especiaes em que se teve de preparar este livro não foi possivel obedecer a razões nenhuma de classificação para observar uma certa ordem na collocação das poesias. Mas, pela maneira como se acham ellas ahi dispostas, quasi que se conseguiu ao menos encher, com o maior numero possivel de versos, o menor numero de paginas possivel.

Lisboa, 2 de abril de 1898.

R. C.

INDICE

VIVER !.....	1
SER MOÇA E BELLA SER	2
AS POMBAS	4
VINHO DE HEBE.....	5
O DIA ACORDA	6
A CHEGADA	8
RENASCIMENTO.....	9
EVITERNO AMOR	10
PRIMEIRAS VIGILIAS.....	11
O JURAMENTO	12
PASSEIO MATINAL	14
VERSOS A UM ARTISTA	15
CYTHERA	22
ODE PARNASIANA.....	23
BEIJOS DO CÉU	28
MISSA DA RESURREIÇÃO	29

NUVEM BRANCA	36
A UMA CANTORA	38
PLENA NUDEZ	39
IXION	40
CONCHITA	41
JESSICA	42
ZULMIRA	43
TRISTEZA DE MOMO	44
ANIMA CHLORIDIS	45
SONHO TURCO	46
FLOR AZUL	51
VESPER	52
POEMA DA NOITE	53
DESDENS	54
MUSA ALDEIAN	55
PRIMAVERIL	61
CHUVA E SOL	62
NOITES DE INVERNO	63
ARIA NOCTURNA	64
CÆRULEI OCULI	65
SONETO DE LOPE DE VEGA	68
AVE-MARIA	69
ANOITECER	70
SÓSINHA	71
CAVALGADA	72
CONTINÚA	73
DESPEDIDAS	74
LEMBRANÇA	75
NO OUTOMNO	76
FASCINAÇÃO	77
FANTINA	78

SOROR PALLIDA.....	79
PEREGRINAS.....	80
MADRIGAL.....	81
NA PONTA DE UMA FLECHA.....	82
SELVA DO LEÃO.....	83
VULNUS.....	84
O MONGE.....	85
PLENILUNIO.....	86
OS CIGANOS.....	89
PELAGO INVISIVEL.....	92
SAUDADE.....	93
TRES ESTANCIAS.....	94
MAL SECRETO.....	96
HORACIO FLACCO.....	97
O MISANTHROPO.....	98
TEMOR.....	99
OS ARGONAUTAS.....	101
CAUCHEMAR.....	102
BEIJO POSTHUMO.....	103
BACHO, QUANDO PEQUENO.....	104
ELMANI TABERNULA.....	107
VENUS DE VIENNA.....	108
MAZZEPPA.....	110
BANZO.....	112
CHILD-HAROLD.....	113
JOB.....	115
HOMEM, EMBORA EXASPERADO BRADES.....	118
NIRVANA.....	119
PSYCHE.....	121
IMAGEM DA DOR.....	122
VANA.....	124

HARMONIAS DE UMA NOITE DE VERÃO.....	125
MEDITAÇÕES.....	134
LUBRICUS ANGUIS	145
NÚA E CRÚA	146
DESILLUDIDO.....	147
FETICHISMO	150
DEUS IMPASSIVEL.....	151
VÆ VICTIS !.....	153
DIALOGOS	154
GREEN SPOT.....	158
HYMNO A COLERA.....	159
À SOMBRA DA MORTE.....	162
— ODIO E AMOR.....	165
ONDAS.....	166
— AMOR CREADOR.....	169
AMEN !	170
BALSAMO NOS PRANTOS	172
— HOROSCOPO	173
ULTIMO PORTO.....	174
LODO E ESTRELLAS.....	175
JUNCTO A ESSA CRUZ.....	178
NADA.....	179
— NOTA.....	181